



Estudos Feministas da Tradução traduzidos no Brasil: limites, possibilidades e implicações políticas

Feminist Translation Studies in translation in Brazil: Challenges, opportunities and political implications

Naylane Araújo Matos

Universidade Federal de Rondônia

Porto Velho, Rondônia, Brasil

naylaneam@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2077-1534>

Olga Castro

Universidade Autônoma de Barcelona

Cerdanyola del Vallès, Catalunha, Espanha

Universidade de Warwick

Coventry, Inglaterra, Reino Unido

olga.castro@uab.cat

<https://orcid.org/0000-0002-2825-9618>

Resumo: Este artigo explora os fluxos de textos teóricos dos Estudos Feministas da Tradução (EFT) traduzidos ao português brasileiro, de 1998 a 2024, a fim de analisar as formas pelas quais as traduções podem consolidar ou desestabilizar paradigmas acadêmicos hegemonicos. Primeiramente, traçamos um panorama dos principais debates teóricos da área, tanto do contexto ocidental quanto do contexto específico do Brasil, o que nos possibilitou argumentar que as elaborações teóricas sobre tradução e gênero estão amalgamadas às práxis feministas de tradução decorrentes das demandas por transformação social. Em seguida, consideramos as implicações do inglês como língua franca para consolidação de diálogos feministas em diferentes contextos. Então, analisamos um *corpus* de 25 traduções de textos dos EFT (cujo amplo conceito compreendido no artigo inclui também textos com perspectivas queer), com base em cinco variáveis: (1) anos e contextos de publicações das traduções ao português; (2) anos e contextos de publicação dos textos-fonte; (3) autorias traduzidas; (4) rede de organizadores de trabalhos e tradutorias; e (5) idiomas e geocontextos dos textos-fonte. Nossos resultados demonstram uma recente emergência de traduções ao português brasileiro no campo dos EFT. Em nossa discussão das implicações políticas desses fluxos tradutórios, evidenciamos os riscos concernentes às assimetrias de poder entre centros hegemonicos da produção do conhecimento e contextos historicamente marginalizados. Mais especificamente, nosso estudo demonstra a tendência brasileira na validação de teorias euro-norte-centradas, juntamente com práticas de citação que privilegiam o conhecimento hegemonicoo como forma de legitimar o conhecimento localizado/situado.

Palavras-chave: Estudos Feministas da Tradução; teoria traduzida no Brasil; circulação do pensamento acadêmico; implicações epistemológicas Norte-Sul; implicações políticas.

Abstract: This article explores the translation flows of scholarly works on Feminist Translation Studies (FTS) into Brazilian Portuguese between 1998 and 2024, with a view to determining whether these translations may destabilise or, conversely, consolidate existing hegemonic paradigms. We begin by tracing the main theoretical debates in this field, both within a Western framework and in the specific context of Brazil. This allows us to contend that theoretical elaborations on gender and translation are shaped in response to the social demands motivating feminist translation practices. Secondly, we consider the (problematic) role of English as a lingua franca in enabling dialogues among feminists from different contexts. After presenting our corpus of 25 translations of FTS works (understood broadly enough so as to encompass texts informed by queer perspectives), we examine it according to five analytical variables: (1) the year and context of publication of the translations; (2) the year and context of publication of the source texts; (3) the authors translated; (4) the translators, scholars and other editors involved in the translation process; and (5) the linguistic and geographical contexts of the source texts. Our findings reveal a recent surge in translations of FTS into Brazilian Portuguese, with university presses and journals playing a central role. In our discussion of the political implications of the circulation of these translated works, we argue these flows risk reinforcing power asymmetries between hegemonic centres of knowledge production and historically marginalised contexts. More specifically, our study demonstrates Brazil's tendency to validate Euro-North-American theories, alongside citation practices that privilege 'foreign' knowledge as a means of conferring legitimacy upon local scholarship.

Keywords: Feminist Translation Studies; translated theory in Brazil; circulation of academic thought; epistemological implications North-South; political implications.

I. Introdução: Estudos Feministas da Tradução ou Estudos da Tradução Feminista?

Escrevemos este artigo na afluência dialógica sobre as nossas perspectivas acerca dos Estudos Feministas da Tradução, essa ampla área do conhecimento que, nos mais variados contextos linguísticos, sociais e geopolíticos, se configura por meio de práticas circunstanciadas e elaborações teóricas que refletem a multiplicidade de enfoques e abordagens feministas. A nossa perspectiva parte da definição de Castro e Spoturno (2022) por entender que os EFT compreendem tanto os Estudos da Tradução (ET) com abordagem feminista – na qual incluem-se proposições teóricas e práxis político-feministas de tradução –, quanto aos feminismos tradutológicos – isto é, as perspectivas feministas que lançam olhar sobre o fenômeno da tradução, suas políticas e implicações para a circulação do pensamento feminista e para a consolidação de alianças feministas transfronteiriças.

Assim, demarcamos conscientemente o uso de Estudos Feministas da Tradução (EFT) para nos referir ao campo de estudo, adjetivando qualificativamente como feministas os estudos sobre a tradução. Dessa forma, nos distanciamos de outras terminologias limitadoras, como Estudos da Tradução Feminista, cujo adjetivo apenas qualifica a tradução, não os estudos e, portanto, seriam apenas uma subárea dos Estudos Feministas de Tradução. Ao eleger conceitualmente os EFT como marco de trabalho, destacamos a inter-relação com outros campos do conhecimento para quais os feminismos são enfocados, não restringindo-se às experiências metodológicas e circunstanciadas da tradução feminista *per se*.

Nossa reflexão se centra nos fluxos tradutórios dos EFT no Brasil, oferecendo um *corpus* de estudo concernente à tradução de textos teóricos que abordam a relação entre gênero e tradução, no período de 1998 a 2024. Analisamos os limites e possibilidades desses circuitos/fluxos, a partir da problematização de como a tradução de elaborações teóricas dos EFT pode desestabilizar ou cristalizar determinados paradigmas hegemônicos. Dessa forma, nos interessa debater as implicações políticas na circulação dos EFT traduzidos e seu imbricamento em processos que exacerbam assimetrias de poder entre centros hegemônicos da produção do conhecimento e espaços historicamente subalternizados.

Partimos da premissa de que os Estudos Feministas, quer nos ET quer noutras áreas do conhecimento, emergem frente às demandas de práxis políticas que analisam e intervêm na organização da sociedade patriarcal e suas mais variadas formas de opressão. Em outras palavras, os Estudos Feministas decorrem da realidade social que, via sistema patriarcal, imputa a necessidade de organização e luta das mulheres frente às opressões estruturadas historicamente. Logo, pensamos os feminismos não como construção epistemológica que baliza a ação das mulheres frente ao sistema patriarcal, mas, antes de tudo, como fenômenos sociais que incidem na elaboração feminista do conhecimento.

Nessa acepção, defendemos uma perspectiva de feminismo que não se ancora na presunção de opressões restritas à diferença de gênero, mas que se amplia para abranger diferentes opressões sociais acirradas na conjuntura patriarcal capitalista branco heteronormativa. Logo, lançamos luz sobre as questões tangentes aos EFT pautadas em perspectivas anticapitalistas e anticolonialistas do feminismo e seus caracteres combatentes ao modo de produção vigente, o qual compreendemos incidir nos diferentes campos dos Estudos Feministas.

No que tange à elaboração teórica dos EFT em tradução no Brasil em diálogo com outros contextos, assinalamos a formação histórico-cultural da *América Ladina*, como nomeia Lélia Gonzalez, e o racismo científico resultante do colonialismo europeu que, ainda hoje, reverbera na produção acadêmica ocidental (Gonzalez, [1988]2020). Também, o contexto de globalização neoliberal que impunha uma forma hegemônica de economia global pautada em princípios de livre mercado, exacerbando a divisão internacional do trabalho e incidindo no campo da tradução (Daghig & Shuttleworth, 2024). Portanto, ao pautarmos os fluxos tradutórios dos EFT, ressaltamos que a produção das ideias científicamente concebidas ou atestadas está galgada na hegemonia dos paradigmas dominantes produzidos para manutenção hierárquica de poder. E, nas palavras de Jessé Souza (2017, p. 23), “quem controla a produção das ideias dominantes controla o mundo”, sem perder de vista que as ideias dominantes são sempre produto das classes dominantes.

Para desenvolver a temática proposta neste artigo, iniciamos por abordar a relação entre teoria e prática da tradução feminista no Ocidente, a conjuntura da tradução feminista no Brasil e a práxis política articulada à teoria feminista da tradução. Então, discutimos as relações assimétricas que permeiam a produção das teorias feministas e dos ET e sua relação com os EFT, tendo em vista as implicações políticas dos/nos fluxos tradutórios. Apresentamos, por fim, um panorama de textos teóricos emoldurados pelos EFT traduzidos ao português brasileiro, no qual ampliamos seus contextos, elencamos limites tangenciados por fatores como o predomínio de línguas hegemônicas, as questões editoriais e as tendências epistemológicas, e apontamos possibilidades. Do ponto de vista linguístico, aderimos a alternativas de uso da linguagem não marcada para gênero em português

brasileiro, a fim de evitar construções discursivas binárias e alavancar possibilidades revisionistas da língua em suas expressões da configuração social patriarcalista binária e cis heteronormativa.

2. Tradução feminista: teoria e prática ou uma práxis por demanda?

No campo geral da elaboração teórica acerca das práticas feministas de tradução, a sistematização do fator canadense, em meados de 1980 e 1990, se configura como um importante marco ocidental para os EFT. O uso de “fator canadense” decorre da terminologia utilizada por Luise von Flotow (2006) no artigo “Feminism in Translation: The Canadian Factor”, enfatizando as circunstâncias específicas que envolveram o surgimento de teorias e práticas de tradução no Quebec francófono. Apresenta-se aqui em contraposição ao uso de Escola Feminista de Tradução Canadense e sua decorrente ideia de que no contexto canadense houve uma escola para formação de tradutoras feministas ou uma tendência da área de estudo. Assim, evitamos reiterar terminologias que consagram determinadas perspectivas teóricas como modelos escolásticos.

Na especificidade do contexto francófono de Quebec, influenciadas por perspectivas francesas – especialmente do âmbito da linguagem e da “écriture féminine” (Setti, 2021) – as quebequenses engajaram práticas de tradução conscientemente orientadas pelo feminismo, a partir de atividades literárias definidas pelo ativismo cultural encampado na luta política pela soberania do Québec em relação ao Canadá anglófono. É, portanto, no engajamento com a prática situada de traduzir textos feministas vanguardistas e experimentais em francês para o público canadense anglófono que emerge a elaboração teórica das tradutoras feministas quebequenses/canadenses. Suas práxis logo resultaram em sistematizações e publicações articulando a tradução feminista e lançando uma análise de gênero aos processos tradutórios.

Para Castro ([2009]2017), a tradução feminista canadense pode ser compreendida como uma corrente de trabalho e pensamento que defende a consciência feminista em tradução mediante a necessidade de construir formas de expressão antipatriarcais. Assim, desde as experiências localizadas das tradutoras e teóricas canadenses e suas elaborações teórico-metodológicas expressas em numerosas publicações, sobretudo entre as décadas de 1980 e 1990, identificamos textos fundacionais para os EFT valorados no Ocidente¹.

Após um período estanque de formulações acadêmicas sobre tradução e gênero, observamos um novo fenômeno de florescimento teórico da área, a partir de 2010 até a atualidade, especialmente relacionado com a institucionalização dos ET em muitas universidades e a consequente expansão geopolítica dos EFT, bem como as revisões epistemológicas dos feminismos hegemônicos e suas categorias analíticas (Castro & Spoturno, 2022). Tal expansão geopolítica e epistemológica não se deu apenas do contexto canadense para o contexto europeu, como pretendem as defesas de uma tradição Canadá-Europa dos EFT (Flotow, 1995; Federici & Leonardi, 2013; Santaemilia, 2013), mas também se evidenciam outros contextos culturais e linguísticos, como argumentam Castro e Spoturno (2022) e como demonstra Matos (2022a) acerca dos EFT no Brasil.

¹ A perspectiva da experiência localizada é central nas formulações deste artigo, bem como a perspectiva dos saberes e conhecimentos localizados/situados, tal qual elaborada por Donna Haraway (1995, p. 21): “a objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto”.



É importante considerar, todavia, que muito antes da sistematização e elaboração teórico-metodológica das canadenses e do *boom* teórico europeu sobre os EFT, temos o fato de que a relação gênero-tradução não apenas expressava as hierarquias patriarcais e metafísicas (Simon, 1996), como também demonstrava as formas de luta e organização das mulheres, nas quais a tradução desempenhou um papel fundamental para chancelar ideias feministas em diferentes contextos globais. Ainda que não apresentassem metodologias conscientemente feministas de tradução, as mulheres que historicamente questionaram o *status quo* por meio da atividade tradutória cultivaram o solo para a posterior metodologia da tradução feminista e, consequentemente para os EFT, haja vista seu papel crítico, político subversivo ao sistema patriarcal (Castro & Spoturno, 2022).

No contexto brasileiro, podemos situar tal antecedente na atividade tradutória de muitas mulheres escritoras desde o século XIX, com o trabalho fulcral de Nísia Floresta Brasileira Augusta (nome literário de Dionísia Gonçalves Pinto) e sua tradução *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* do panfleto feminista *Woman Not Inferior to Man* (assinado sob o pseudônimo de Sophia – a person of quality), em 1832². Além de tradutora, Floresta foi uma profícua filósofa feminista e educadora engajada nas lutas pela educação das mulheres no Brasil, pela abolição da escravatura e pelos direitos dos povos indígenas (Duarte, 2005; Pallares-Burke, 2020; Pugliese, 2023). A ampla circulação da sua tradução e suas seguidas reedições em um período histórico marcado pelo paternalismo colonial de Portugal reitera as potencialidades das forças feministas que eclodiram na Europa no século XVIII, via panfletos e obras de emancipação feminina, decorrentes das formas organizadas de lutas das mulheres, e que foram chanceladas pela via da tradução em diferentes contextos culturais (Matos, 2022a).

No processo de internacionalização e solidariedade feminista, portanto, o engajamento das mulheres com a atividade tradutória exacerba a reconfiguração do sujeito mulher enquanto agente político que penetra o espaço público na reivindicação dos seus direitos. No Brasil, a história do engajamento das mulheres com as reivindicações de emancipação feminina, tais como o direito ao voto, o acesso à educação feminina, o rompimento do emudecimento histórico das mulheres, especialmente através de sua atuação na imprensa feminina desde o século XVIII, demonstra que as lutas das mulheres no Brasil andaram lado a lado com o trabalho de tradução (Alencar, 2016; Brasil, 2018; Silva-Reis & Fonseca, 2018).

Nesse sentido, compreendemos a tradução e os feminismos no Brasil, bem como se identificam noutros contextos, como no Canadá, numa relação que se estabelece por demanda. Ou seja, a prática de tradução, que veiculava ou enriquecia reivindicações feministas, decorre historicamente de uma demanda pela transformação da sociedade patriarcal que impunha as mais diferentes formas de dominação sobre as mulheres. Significa dizer que as elaborações teóricas acerca do gênero e/m tradução, da tradução feminista e dos EFT não se dão num vácuo, ao contrário, constroem-se frente às demandas sociais que motivam as atividades de tradução feminista e que, em cada contexto e tempo, vão refletir os processos históricos e políticos que as permeiam.

Essa perspectiva nos ajuda a compreender que práticas feministas de tradução estão tangenciadas pelas condições reais que envolvem sujeitas, sujeitos e sujeites que se localizam

² Para compreensão dos entraves teóricos em torno do erro reiterado sobre *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* como uma tradução de *A Vindication of the Rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft, ver Matos (2022b).

socialmente e cujas condições históricas são determinantes para sua formulação teórica. Assim, a consciência feminista na tradução não pode estar apartada da práxis feminista, uma vez que essa mesma (a consciência) não pode constituir-se senão pela própria práxis feminista. Não é o pensamento e o conjunto de ideias feministas que moldam a prática e a ação feminista que incidem na tradução. Ao contrário, são fluxos contínuos de práticas que viabilizam a elaboração teórica pautada num campo epistemológico que, por sua vez, chancelam e aprimoram novas práticas.

No Brasil, a latência dos feminismos, portanto, tensiona os espaços que legitimam a estrutura patriarcal colonial e reverbera nos diferentes campos de atuação e produção do conhecimento, que bem se expressa no crescente interesse de pesquisa nos EFT, sobretudo nas duas últimas décadas, com publicações de artigos em periódicos científicos, teses, dissertações e grupos de pesquisa do contexto brasileiro (Matos, 2022a). No contexto internacional, notamos também a incidência de elaborações teóricas de tradutoras e pesquisadoras brasileiras e suas práxis de tradução e/ou análises feministas que ressoam diferentes agendas dos feminismos no Brasil. Exemplos incluem os trabalhos de Pâmela Berton Costa (2020) e do Coletivo Sycorax (2020) no periódico *Mutatis Mutandis*, de Luciana Carvalho Fonseca (Şebnem Susam-Saraeva et al., 2023) em *Translation Studies* e no *Journal of Feminist Scholarship*, respectivamente, e de Érica Lima, Maria Júlia Santos de Freitas e Letícia Bergamini Souto (2024) no periódico *Feminist Translation Studies*. Entretanto, as práxis feministas de tradução e a elaboração teórica dos EFT no Brasil carecem de ser vistas entrelaçadas a fluxos tradutórios tangenciados por relações assimétricas de poder global, como discutimos a seguir.

3. Os Estudos Feministas da Tradução frente à hegemonia dos centros acadêmicos euro-norte-americanos: pontos e contrapontos do inglês como língua franca

De antemão, esclarecemos que o nosso uso de euro-norte-americano compreende mais um sentido político que propriamente geográfico. Utilizamos tanto “euro” como “norte-americano” para nos referir aos centros de poder neocolonial que operam nesses territórios, reconhecendo também as práticas anticoloniais internas. De igual maneira, reconhecemos as lutas territoriais indígenas trans-hemisféricas, também associadas à denominação simbólica continental, via nome originário *Guna Abiayla ou Abya Ayla* (Keme, 2025), e sua recusa à denominação imperial. Em relação à história escravista negra do continente, evocamos o termo etnogeográfico de referência reivindicado por Lélia Gonzalez ([1988]2020), *amefrikanido*, quando da sua elaboração da categoria político-cultural de *amefrikanidade*, uma vez que este historiciza a experiência da diáspora negra e as marcas africanas e indígenas na formação histórico-cultural do continente americano. Ainda, a categoria da *amefrikanidade* refuta a ideologia imperialista dos Estados Unidos e sua autoafirmação de ser “A América”, direcionando a atenção para a ancestralidade e formas de resistência continental negra e indígena frente às ofensivas coloniais explicitamente expressas na língua e nas teorias do conhecimento, nas quais incluem-se os EFT.

Nos enfoques contemporâneos dos EFT, especial ênfase tem sido dada ao papel da tradução para as articulações feministas transnacionais, com a afirmação de que a transnacionalização dos feminismos se dá pela via da tradução, como asseguram as organizadoras do volume *Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives* na sua introdução (Castro & Ergun, 2017). “A

tradução é central para a práxis feminista”, escreve a socióloga Patricia Hill Collins (2019) no prefácio à edição do referido livro, disponível em português. Collins (2017) ainda reitera quão significativa tem sido a tradução para seu ativismo intelectual negro.

Mais anteriormente, há pelo menos duas décadas, autoras do contexto brasileiro, como Claudia de Lima Costa (2003, 2019, 2020) já haviam pautado a importância da tradução para a circulação de teorias feministas. Costa conta com prolífica autoria a respeito de feminismos translocais e do papel político da tradução, tendo organizado, juntamente com Sonia Alvarez et al. (2014), o livro *Translocalities/Translocalidades: Feminist Politics of Translation in the Latin/a Américas*.

Ao apontar a centralidade da tradução para a circulação das teorias feministas, Costa e Alvarez (2013) ressaltam, entretanto, as viagens assimétricas das teorias por diferentes topografias, destacando as políticas de citação responsáveis pela formação de cânones acadêmicos, as camadas de poder imbricadas na citabilidade e as formas institucionalizadas que supervisionam, regulam e autorizam determinados discursos. Para as autoras, há economias epistemológicas que institucionalizaram centros acadêmicos anglófilos como estrutura da inteligibilidade para a teoria feminista e o inglês como língua franca.

Acerca da hegemonia da língua inglesa na produção acadêmica, há trabalhos que a demonstram tanto no campo dos Estudos Feministas (Descarries, 2014), como nos ET (Baer, 2020). Nesse último caso, ao desmistificar a história imperial dos ET, que situa a disciplina como originariamente ocidental, Baer discute como a narrativa hegemônica ocidentalizada se relaciona com uma nova ordem mundial capitalista centrada no Norte, a qual decorre da necessidade de reorganização capitalista no pós-guerra e se apresenta tanto jurídica quanto economicamente, pautada em instituições internacionais de base euro-norte-americana e com interesses que se legitimam através do inglês como língua franca.

No que tange aos Estudos Feministas, de acordo com Descarries (2014), a disseminação do conhecimento feminista na era da globalização neoliberal leva à imposição do inglês como língua científica e à concentração de recursos que estabelece uma relação assimétrica entre centro – onde se concentram as vozes dominantes – e periferia – onde são relegadas as vozes que o centro identifica como “outras”. A relação entre a hegemonia da língua inglesa nas diferentes teorias feministas e a concentração de recursos dos centros hegemônicos do conhecimento científico levanta diferentes contradições à medida que a perspectiva do inglês como língua franca, embora viabilize diálogos entre feministas de diferentes contextos, fortalece centros hegemônicos anglófonos a partir da inteligibilidade que se define desde esses centros. Ou seja, para dialogar com diferentes perspectivas das teorias feministas (majoritariamente produzidas em língua inglesa), feministas de espaços compreendidos como periféricos, utilizam o inglês como língua de contato. Assim, a língua que viabiliza os diálogos é a mesma que reforça os centros hegemônicos de onde partem relações assimétricas de poder, inclusive o poder econômico que garante condições concretas para que tais centros sigam sendo hegemônicos.

É importante situar que Descarries (2014) discute a hegemonia do inglês desde o seu contexto francófono, no qual o inglês sobrepõe-se ao francês, ambas línguas coloniais. Convém, entretanto, complexificar a discussão levando em conta outros níveis da hegemonia das línguas coloniais e, principalmente, o nó histórico no qual o uso das línguas imperialistas adquire diferentes contornos. Assim, se por um lado, o uso do inglês pode fortalecer os centros hegemônicos

anglófonos, como argumenta Descarries, por outro, seu uso pode indicar escolhas políticas conscientes que permitem historicizar diferentes contextos coloniais. Nos contextos pós-coloniais, por exemplo, o inglês pode ser utilizado para a construção de discursos anticoloniais e para a politização e historicização do seu uso, como argumentam bell hooks ([1994]2017) e Chinua Achebe (1975). Ainda, no contexto de outras línguas hegemônicas, o inglês pode ser aderido como forma de rechaçar o uso de outra língua dominante, a exemplo das nações sem Estado da Espanha, cujo uso do castelhano representa uma ameaça às línguas próprias das regiões autônomas, como galego, catalão e basco (Bermúdez et al., 2002). Do mesmo modo, no contexto *ladino-americano*, diante de outras línguas coloniais, como o castelhano – que silenciou línguas indígenas, obliterando suas cosmovisões, como argumenta a feminista indígena Liliana Ancalao (2013) – poderia argumentar-se que o inglês pode se apresentar como alternativa para discursos feministas indígenas e comunitários.

Essas alternativas, no entanto, esbarram em diferentes limites já observados por Descarries (2014): a língua inglesa, embora romantizada sob o engodo de viabilizar aproximações entre diferentes povos e suas formas de ler o mundo, favorecendo assim a transnacionalização do conhecimento, é a mesma que oblitera cosmovisões e perspectivas que poderiam questionar e desestabilizar a hegemonia dos centros de poder e a defesa de seus interesses. Ademais, as produções nessa língua reforçam os centros hegemônicos que detém o poderio sobre os meios de circulação e aparatos editoriais que determinam, como argumentam Costa e Alvarez (2013), quais teorias viajam transnacionalmente e em quais direções, leia-se, do Ocidente para o excedente, como já sugeria o livro *The West and the Rest* (Hall, [1992]2018). Segundo o autor, por Ocidente, nos referimos não propriamente a uma definição geográfica, mas a uma representação que reitera a construção histórica da sociedade moderna capitalista e suas características.

Com os embates e inserção de povos colonizados em diferentes campos do conhecimento, entretanto, temos visto recentemente muitas mudanças paradigmáticas no contexto anglófono, haja vista o interesse na importação de teoria feminista latino-americana (na qual inclui-se o Brasil)³. Por outro lado, o uso hegemônico da língua inglesa e sua estandardização na produção acadêmica do conhecimento pode atenuar os significados políticos de muitos conceitos feministas, a exemplo do conceito de interseccionalidade que, como argumenta Collins (2017), foi esvaziado do conteúdo político associado aos movimentos sociais. Collins explica como a academia estadunidense incorporou a *interseccionalidade* como um termo guarda-chuva para abrigar os estudos de gênero/raça/classe nos anos 1990, afastando o conhecimento supostamente emancipatório da política efetivamente emancipatória reivindicada pelo feminismo negro dos Estados Unidos.

No contexto acadêmico brasileiro, autoras indígenas, a exemplo de Geni Núñez (2022), têm denunciado o etnocídio indígena nos debates étnico-raciais no Brasil e o esvaziamento e a distorção das cosmovisões indígenas pela língua colonial e pelas metodologias científicas legitimadas academicamente. A autora guarani também chama atenção para “o privilégio ontológico de expor sem ser exposto” (Núñez, 2022, p. 14), que reitera as posições hegemônicas e, partindo de uma suposta neutralidade, expõe os “outros” subalternos como objetos que carecem de investigação e

³ Exemplos significativos incluem a revista *Hypatia, a Journal of Feminist Philosophy*, com sua iniciativa “Feminism in Translation” (Zambrana & Mann, 2022), que permitiu a difusão de numerosos textos feministas decoloniais latino-americanos; e o volume *La Lucha: Latin American Feminism Today* (Orloff, 2025), uma antologia de 29 textos feministas latino-americanos traduzidos para o inglês.

análise. Assim, a produção científica respaldada pelos centros hegemônicos segue sendo reiterada, enquanto sujeitos “outros” e suas perspectivas são concebidas como objeto do conhecimento e não como produtóries de conhecimento.

Os centros hegemônicos de produção do conhecimento podem também ser lidos pela definição que Kalwant Bhopal e Martin Myers (2023) apresentam de “universidades de elite”, cujas características relacionam-se com poder e riqueza. Bhopal e Myers (2023) se referem especificamente às universidades do contexto dos Estados Unidos e do Reino Unido, logo, do contexto euro-norte-americano que Descarries (2014) e Baer (2020) constatam como hegemônico na esfera da produção científica tanto da teoria feminista quanto dos ET.

Essas dinâmicas também se refletem nos ET no contexto brasileiro, conforme demonstra o estudo bibliométrico de Monique Pfau et al. (2025) sobre traduções de teoria da tradução no Brasil entre 2013 e 2023. A análise de 171 trabalhos publicados em periódicos brasileiros on-line dos ET revela o predomínio do inglês como língua-fonte (75 artigos), seguido do francês (41), do espanhol (26) e de outras línguas menos representadas. O estudo conclui defendendo maior diversidade linguística nas traduções de teorias de tradução, a fim de enriquecer o campo no contexto brasileiro.

No campo específico dos EFT, observam-se igualmente essas tendências, como as já mencionadas tentativas de cartografar os centros da produção do conhecimento dos EFT desde o eixo Canadá-Europa, restringindo o foco a tais contextos geopolíticos. Seguindo, pois, a lógica hegemônica da produção do conhecimento global, os EFT no Brasil tendem a reiterar a estrutura de poder instaurada, condição marcada pela posição de país colonizado, cujos modelos científicos se constituem sob tutela imperial e como reminiscência da gênese escravista. Essa herança, segundo Jessé Souza (2017), permanece veladamente presente na produção intelectual, via paradigma culturalista que muito falsamente superou o racismo científico brasileiro. Tal paradigma, outrora sustentado pela diferenciação fenotípica e racial, agora reside na separação ontológica que hierarquiza indivíduos, classes sociais e países.

No tangente a essa hierarquização, vemos no Brasil um potencial importador de EFT do contexto euro-norte-americano, nas quais evidenciam-se a preponderância do pensamento teórico externo e metodologias científicas que podem se sobrepor à história e às demandas localizadas, como veremos a seguir.

4. Estudos Feministas da Tradução em fluxos tradutórios no Brasil

Nesta seção, oferecemos o panorama das traduções ao português brasileiro de textos acadêmicos emoldurados nos EFT, para posteriormente identificar tendências e analisar os limites e possibilidades desses fluxos tradutórios. Nossa *corpus* inclui um total de 25 traduções em 27 anos, no período de 1998, data da primeira tradução identificada, até 2024, último ano concluído até a presente pesquisa. Os critérios de seleção do *corpus* compreendem dois diferentes procedimentos metodológicos temporalmente delineados.

Primeiramente, para as traduções publicadas entre os anos 1998 e 2020, partimos dos dados levantados na tese de doutorado “Estudos Feministas da Tradução no Brasil: percursos históricos, teóricos e metodológicos na produção científica nacional (1990-2020)” (Matos 2022a), identificando as referências de maior preponderância nos EFT no Brasil. Para os anos 2021 a 2024, ampliamos o

mapeamento por meio de busca no Google Scholar a partir dos descritores metodológicos “estudos feministas da tradução”, “feminis* + tradução”, “gênero + tradução + feminis*”, com especificação do período “desde 2021” e seleção do idioma “português”. Além disso, consideramos aquelas publicações presentes em livros impressos, os quais tivemos conhecimento por evidências anedóticas e/ou redes de divulgações entre a comunidade dos EFT. Isto evidencia, por um lado, um mapeamento mais amplo, com resultados não apenas presentes em Matos (2022a) e no Google Scholar, por outro, nos leva a reconhecer que determinados trabalhos relevantes podem não ter sido incorporados ao *corpus* aqui analisado. No mapeamento, partimos da ampla definição de EFT que defendemos neste artigo, abarcando tanto os ET com abordagem feminista quanto as teorias feministas que consideram a importância da tradução para a circulação das ideias feministas e para a consolidação de alianças transfronteiriças.

A partir dos dados encontrados, nosso amplo enfoque de EFT permitiu delinear um *corpus* que inclui traduções de textos sobre perspectivas queer em tradução. O queer, ao questionar as construções binárias de sexualidade – bem como suas correlações com a formação social do sexo e do gênero – e ao desafiar as normas regulatórias da sociedade, pode ser compreendido como ação que convida ao desarranjo social de laços coercitivos e opressores modeladores de identidades fixas, como defende Breno Barboza (2025), ou, como pensamos, fixadas pela estrutura patriarcal⁴. Salientamos que o questionamento à construção das identidades fixas promovido pelos debates queer é também de grande relevância aos debates feministas, haja vista que tal construção está forjada na ideologia essencialista que sustenta e mantém a estrutura patriarcal de poder econômico e político. Também destacamos o fato de que a perspectiva emancipadora feminista e as reivindicações por uma linguagem/tradução não sexista abriram caminho para muitas elaborações queer em tradução (Castro & rgb, 2024). No entanto, embora a nossa acepção de EFT encampe as amplas articulações entre tradução e gênero e perspectivas queer, ressalvamos que muitas das publicações queer sequer reivindicam uma política feminista, logo, não aparecem como resultado aos descritores metodológicos utilizados. Por essa razão, textos queer fora dos livros que tivemos acesso podem não compor nosso *corpus*.

Um quadro geral, no qual apresentamos o *corpus* de 25 traduções, descrito com informações sobre texto-fonte e texto traduzido, anos de publicação e geocontexto, poderá ser acessado em Castro e Matos (2025). A respeito do geocontexto, oferecemos o contexto geográfico editorial (indicando o código ISO do país) em que se situa a publicação do texto-fonte, cuja data (da mais antiga à mais recente) ordena o quadro. Não necessariamente o geocontexto coincide com a filiação acadêmica de autoria no momento da publicação, assim como a língua do texto de partida, a qual se inclui entre parênteses. Em relação às referências finais do artigo, citamos apenas as traduções para o português brasileiro, e não os textos-fonte em outras línguas.

De modo a facilitar a identificação de tendências que permitem compreender porque determinados textos estrangeiros de EFT são priorizados para entrar no contexto meta, apresentamos o *corpus* em três quadros distintos, descritos também com dados contextuais, de

⁴ Breno Barboza é transmasculine. Seu nome ancestral, Beatriz Barboza, assim como a assinatura be rgb (também de sua autoria) foram mantidos como assinados em determinadas publicações presentes no nosso *corpus* para facilitar a localização dos seus textos em pesquisas futuras.

acordo com o sistema de recepção brasileiro em que foram publicadas as traduções, e agrupados por variáveis analíticas.

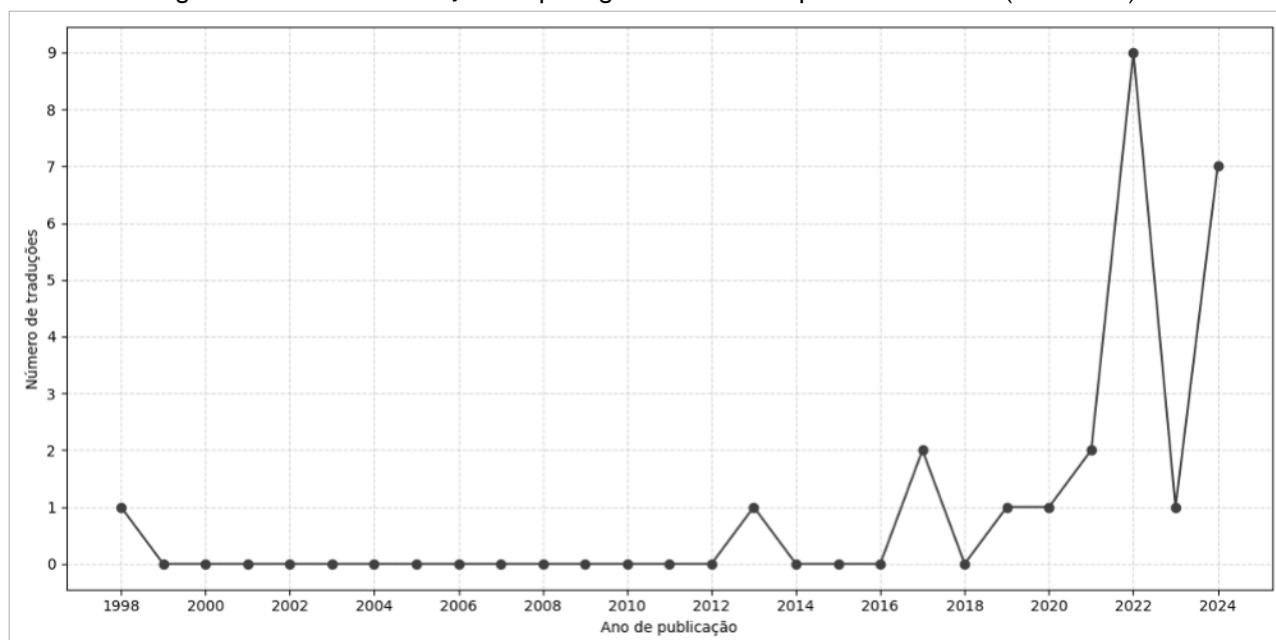
4.1 Variáveis analíticas do *corpus* de traduções

Nossa análise centra-se nas seguintes variáveis: a cronologia das traduções em relação ao ano de publicação dos textos-fonte; os tipos de publicações (periódicos e livros) em que as traduções vieram à luz; os anos de tradução em relação aos contextos de publicação dos textos-fonte; as autorias mais traduzidas; a rede de organizadores de trabalhos e tradutors para o português brasileiro que possibilita a circulação de novas ideias; e os idiomas a partir dos quais se traduzem em relação aos contextos geográficos em que os textos-fonte foram publicados.

4.1.1 Anos e contextos de publicação das traduções ao português

Em 1992, os EFT já encontravam espaço na academia brasileira, com um artigo em língua inglesa de Susan Bassnett publicado na revista *Ilha do Desterro*, posteriormente traduzido ao português brasileiro em 2020. No entanto, a primeira tradução ao português brasileiro que pudemos identificar data de 1998. A análise da cronologia das publicações desde essa data até finais de 2024 revela que as traduções não se distribuem de maneira regular ao longo do tempo, mas que se concentram nos anos mais recentes. Das 25 publicações registradas no período, 17 foram publicadas a partir de 2022 (vide Figura 1).

Figura 1: Número de traduções ao português brasileiro no período de análise (1998-2024)



Fonte: As autoras (2025)

Existem fatores editoriais claros que explicam a concentração de traduções nos anos de 2022 (com 7 publicações) e de 2024 (com 7). Em relação ao ano de 2022, publicou-se um número

especial na revista *Cadernos de Tradução*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), intitulado “Tradutoras: a produção do conhecimento feminino” e organizado por Patrícia Reuillard e Sandra Loguercio. Todos os artigos incluídos neste volume são traduções, das quais 7 formam parte do nosso *corpus* por critério temático, os quais reunimos como grupo 1 (vide Quadro 1).

Quadro 1: Traduções publicadas em 2022 no número especial da *Cadernos de Tradução* (UFRGS)

Tradução brasileira (tradutoras, título)	Texto-fonte (TF) (autoria, título, periódico/livro editado)	Geocontexto	Ano TF
MACEDO, Cristian Cláudio; BRAUN, Ana Karina “Tradutores medievais e tradutoras feministas: a mesma ética da tradução?”	DELISLE, Jean “Traducteurs Médiévaux, traductrices féministes: une même éthique de la traduction?” In: <i>TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction</i> (Canadian Association for Translation Studies)	CA (francês)	1993
TAUFER, Gilmar José “O feminismo na tradução”	FLOTOW, Luise von “Le féminisme en traduction” In: <i>Palimpsestes. Revue de traduction</i> (Université Sorbonne Nouvelle Paris III)	FR (francês)	1998
AIMI, Gabrielle “A tradução feminista”	BANNERJEE, Rohini “La traduction féministe” In: <i>Initial(e)s</i> (Dalhousie University Canada)	CA (francês)	1999
CERVEIRA, Beatriz “Tradução audiovisual sob uma perspectiva de gênero”	DE MARCO, Marcella “Audiovisual Translation from a Gender Perspective” In: <i>Journal of Specialised Translation</i> (Zurich University of Applied Sciences – ZWAH)	CH (inglês)	2006
POKORSKI, Alexia; CAMPOS, Ana Letícia de; FARIA, Cláudia; BARRAGAN, Iago; FERREIRA, Stéphanie “Estudos de tradução: explorando uma perspectiva feminista da tradução”	CAGNOLATI, Beatriz “Traductología: Exploración de un enfoque feminista de la traducción” In: <i>III Jornadas del Centro Interdisciplinario de Investigaciones en Género</i> , 25-27 setembro de 2013, La Plata	AR (espanhol)	2013
AIMI, Gabrielle “Antropologia das leituras feministas de tradução”	WILHELM, Jane “Anthropologie des lectures féministes de la traduction” In: <i>TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction</i> (Canadian Association for Translation Studies)	CA (francês)	2014
BALT, Tainara “A tradução feminista no Canadá e as teorias pós-coloniais: uma influência recíproca?”	MALENA, Anna; TARIF, Julie “La traduction féministe au Canada et les théories postcoloniales : une influence réciproque?” In: <i>Atelier de Traduction</i> (Universitatea Ţării Mare Suceava)	RO (francês)	2015

Fonte: As autoras (2025)

No ano de 2024, publicou-se o volume *Estudos da Tradução e comunidade LGBT: sobre vozes entendidas e transformistas textuais* (Editora Devires, Salvador), organizado por Dennys Silva-Reis e Vinícius Flores. O livro reúne um conjunto significativo de traduções sobre temática queer, dos quais 7 cumprem os requisitos de inclusão no nosso *corpus*, reunidos como grupo 2 (vide Quadro 2).



Quadro 2: Traduções publicadas em 2024 no volume *Estudos da Tradução e comunidade LGBT* (Devires)

Tradução brasileira (tradutories, título)	Texto-fonte (TF) (autoria, título)	Geocontexto	Ano TF
PASSERINI, Thiago “Falocentrismo e heteronormatividade na tradução: como as mulheres, sobretudo lésbicas, são riscadas da história com uma canetada”	BAXTER, Robert Neal “Falocentrismo e heteronormatividade na traducción: de como varren as mulleres e as lesbianas da historia cun golpe de penae” In: <i>Revista galega de filoloxía</i> (Universidade da Coruña) ⁵	ES (galego)	2006
CASTRO, Olga; rgb, be ⁶ “Tradução feminista além dos binários: os gêneros como desafios de tradução”	CASTRO, Olga “Traducción no sexista y/en el cambio social: el género como problema de traducción” / “Non-Sexist Translation and/in Social Change”. In: MAIER, Carol; BÓERI, Julie (Eds.). <i>Translation/Interpreting and Social Activism</i> (ECOS. Traductores e Intérpretes por la Solidaridad)	ES (español/ inglês)	2010
BAGNO, Marcos “A tradução feminista entre diferencialismo e Queer: teorias e práticas de ontem e de hoje”	FONTANELLA, Laura “La traduzione femminista tra differenzialismo e Queer: teorie e pratiche di ieri e di oggi” In: <i>La Camera Blu – Rivista di studi di genere</i> (Università degli Studi di Napoli Federico II)	IT (italiano)	2017
SCHAUER, Jonathan; OLIVEIRA, Mariana; SILVA, Milena; LUCENA, Nathália; FONSECA, Sandro “James S. Holmes, Estudos da Tradução e a Ética Queer da primeira pessoa”	LARKOSH, Christopher (<i>in memoriam</i>) “James S. Holmes, Translation Studies and the Queer Ethics of the First Person” In: SANTAEMILIA, José (Ed.). <i>Traducir para la igualdad sexual / Translating for Sexual Equality</i> (Editorial Comares)	ES (inglês)	2017
BAGNO, Marcos; SILVA-REIS, Dennys “Para uma tradução queera”	ROBERT-FOLEY, Lily “Vers une traduction queere” In: <i>TRANS- Revue de littérature générale et comparée</i> (Université Sorbonne Nouvelle Paris III)	FR (francês)	2018
JACOMINI, Nina “Tradução, gênero e identidades gay”	VILLANUEVA-JORDÁN, Iván ⁷ “Abrir pasos a las masculinidades gais en la traductología” In: <i>Asparkia: investigació feminista</i> (Universitat Jaume I)	ES (español)	2019

⁵ Conforme se indica na publicação, o texto-fonte é uma tradução ao galego de Iván Fontao Bestilheiro e Iago González Pascual, desde uma versão prévia inédita.

⁶ Esta publicação não se apresenta como tradução, mas ambas as assinaturas correspondem às autorries. No entanto, a primeira linha do texto alerta que “este capítulo constitui uma versão substancialmente revisada, reestruturada, atualizada e ampliada” (Castro & rgb, 2024, p. 197) do texto aqui referido como texto-fonte. Partes inteiras foram adicionadas, eliminadas ou reescritas para atualizar o texto. A bibliografia foi ampliada com referências atuais.

⁷ O texto traduzido explica sobre a procedência do texto-fonte: “O presente capítulo é parte de uma pesquisa de doutorado, ainda em curso, sobre as masculinidades gay e a tradução audiovisual na teleficción contemporânea. Uma versão prévia do capítulo foi publicada na revista *Asparkia: investigación feminista* em 2019, em espanhol” (Villanueva-Jordán, 2024, p. 153). A tradução não inclui referências bibliográficas novas posteriores a 2019 e a única modificação perceptível é uma breve seção introdutória sobre a categoria gênero.

BARROS, Bruna; OLIVEIRA, Jess (autotradução) ⁸ “Práticas de tradução preta sapatão: escrevendo cura, uma palavra de cada vez”	BARROS, Bruna; OLIVEIRA, Jess “Black Sapatão Translation Practices: Healing Ourselves a Word Choice at a Time” In: <i>The Caribbean Review of Gender Studies</i> (University of the West Indies at St. Augustine, Trinidad and Tobago)	TT (inglês)	2020
---	--	----------------	------

Fonte: As autoras (2025)

Quanto às demais 11 traduções que compõem nosso *corpus*, as quais reunimos como grupo 3 (vide Quadro 3), identificamos, em primeiro lugar, 3 textos fundacionais dos EFT publicados em obras gerais dos ET, editadas pelo professorado brasileiro e temporalmente esparsas: em 1998, *Tradução: a prática da diferença*, na qual se encontra a tradução da estadunidense Lori Chamberlain; em 2013, *Tradução e relações de poder*; e em 2023, *Teorias da Tradução: de 1990 a 2020* – ambas publicações com traduções da canadense Luise von Flotow. Em segundo lugar, identificamos 5 artigos publicados em 3 revistas acadêmicas específicas de ET e das Letras em geral editadas por universidades públicas: *TradTerm* da USP, *Cadernos de Tradução* da UFSC e *Revista X* da UFPR. Em terceiro lugar, identificamos 3 artigos em revistas dos campos dos Estudos de Gênero e Feminismos, da Filosofia e do Jornalismo, respectivamente: *Ártemis* da UFPB, *Cadernos de Ética e Filosofia Política* da USP, *Parágrafo* da FIAM-FAAM de São Paulo – sendo apenas esta última uma universidade privada.

Quadro 3: Demais traduções publicadas entre 1998 e 2023

Ano TT	Tradução brasileira (tradutories, título, publicação)	Texto-fonte (autoria, título, periódico/livro)	Geocontexto	Ano TF
1998	VISCARDI, Norma “Gênero e a metafórica da tradução” In: OTTONI, Paulo (Org.). <i>Tradução: a prática da diferença</i> (Editora da Unicamp, Campinas-SP)	CHAMBERLAIN, Lori “Gender and the metaphorics of translation” In: <i>Signs. Journal of Women in Culture and Society</i> (The University of Chicago Press)	US (inglês)	1988
2013	santos, tatiana dos “Traduzindo Mulheres: de histórias e re-traduções recentes à tradução «Queerizante» e outros novos desenvolvimentos significativos” In: BLUME, Roswitha; PETERLE, Patrícia (Orgs.). <i>Tradução e relações de poder</i> . (Editora Copiart, Tubarão-SC)	FLOTOW, Luise von “Translating Women: from recent histories and re-translations to «Queerizing» Translation, and Metamorphosis” In: <i>Quaderns. Revista de Traducció</i> (Universitat Autònoma de Barcelona)	ES (inglês)	2012
2017	BARBOSA, Breno (assinado como BARBOZA, Beatriz) “(Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?” In: <i>Tradterm</i> (USP, São Paulo-SP)	CASTRO VÁZQUEZ, Olga “(Re)examinando horizontes en los estudios feministas de traducción: ¿hacia una tercera ola?” / “(Re)examining horizons in feminist translation studies: towards a third wave?” In: <i>MontI. Monografías de Traducción e Interpretación</i> (Universitat d'Alacant; Universitat Jaume I; Universitat de València)	ES (espanhol)	2009

⁸ Esta publicação se apresenta como uma tradução, mas não há assinatura. Ao ler a nota de rodapé explicativa de que “uma primeira versão deste ensaio foi publicada em inglês na *Revista Caribbean Review of Gender Studies*” (Barros & Oliveira, 2024, p. 145), concluímos que se trata de uma autotradução.



2017	SANTANA, Bianca “Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória” In: <i>Parágrafo</i> (FIAM-FAAM, São Paulo-SC)	COLLINS, Patricia Hill “Lost in Translation? Black Feminism, Intersectionality and Social Justice” In: <i>Conférence plénière du 6e Congrès international des recherches féministes francophones</i> . Université de Lausanne. Suíça (29 agosto-2 setembro 2012) ⁹ .	CH (inglês)	2012
2019	ARAÚJO, Cibele; SILVA-REIS, Dennys; SILVA, Luciana. “Sobre tradução e ativismo intelectual” In: <i>Revista Ártemis</i> , número especial “Tradução e feminismos negros” (UFPB, João Pessoa-PB)	COLLINS, Patricia Hill [Preface] “On translation and intellectual activism” In: CASTRO, Olga; ERGUN, Emek (Eds.) <i>Feminist Translation Studies: local and transnational perspectives</i> (Routledge)	UK (inglês)	2017
2020	MATOS, Naylane “Escrevendo em terra de homem nenhum: questões de gênero e tradução” In: <i>Cadernos de Tradução</i> (UFSC, Florianópolis-SC)	BASSNETT, Susan “Writing in no man's land: questions of gender and translation”. In: <i>Ilha do Desterro. A Journal of English Language and Culture</i> (UFSC, Florianópolis-SC)	BR (inglês)	1992
2021	AGUIAR, Ofir de; PORTO, Lilian “Tradução feminista: contextos, práticas e teorias” In: <i>Cadernos de Tradução</i> (UFSC, Florianópolis-SC)	FLOTOW, Luise von “Feminist translation: contexts, practices and theories” In: <i>TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction</i> (Canadian Association for Translation Studies)	CA (inglês)	1991
2021	MIGUENS, Fernanda; RODRIGUES, Carla “Gênero em tradução: além do monolinguismo” In: <i>Cadernos de Ética e Filosofia Política</i> (USP, São Paulo-SP)	BUTLER, Judith “Gender in Translation: Beyond Multilingualism” In: <i>philoSOPHIA: A Journal of transContinental Feminism</i> (State University of New York Press) ¹⁰	USA (inglês)	2019
2022	SIQUEIRA, Emanuela; LANIUS, Marcela “Caminhos para uma redefinição da prática feminista de tradução”. In: <i>Revista X</i> (UFPR, Curitiba-PR)	MASSARDIER-KENNEY, Françoise “Towards a redefinition of feminist translation practice” In: <i>The Translator</i> (Taylor and Francis)	UK (inglês)	1997
2022	VALDEZ, Maria Barbara; BARBOZA, Breno (assinado como BARBOZA, Beatriz). “Feminismos e tradução: apontamentos conceituais e metodológicos para os estudos feministas transnacionais da tradução” In: <i>Cadernos de Tradução</i> (UFSC, Florianópolis-SC)	CASTRO, Olga; SPOTURNO, María Laura “Feminismos y traducción: apuntes conceptuales y metodológicos para una tradutología feminista transnacional” In: <i>Mutatis Mutandis. Revista latinoamericana de traducción</i> (Universidad de Antioquia)	CO (espanhol)	2020

⁹ Essa plenária foi traduzida para o francês por Martine Schaer e publicada em 2016 no volume editado *L'intersectionnalité: enjeux théoriques et politiques* (Fassa et al., 2016, editorial Dispute), posteriormente reproduzida em acesso aberto em Silogora.com em 2023, onde encontramos evidências de que o texto original foi a conferência plenária em inglês do congresso de Lausanne de 2012. Hipotetizamos que a tradução para o português de Bianca Santana tomou o texto da plenária em inglês.

¹⁰ Citamos a obra indicada como texto-fonte no próprio texto traduzido em uma N.T., na qual se explica que “existe mais de uma versão para o texto”, já que inicialmente “o ensaio foi apresentado com alterações na palestra inaugural do Congresso Mundial de Filosofia sobre Simone de Beauvoir, em Pequim, em agosto de 2018” (Butler, 2021, p. 364).

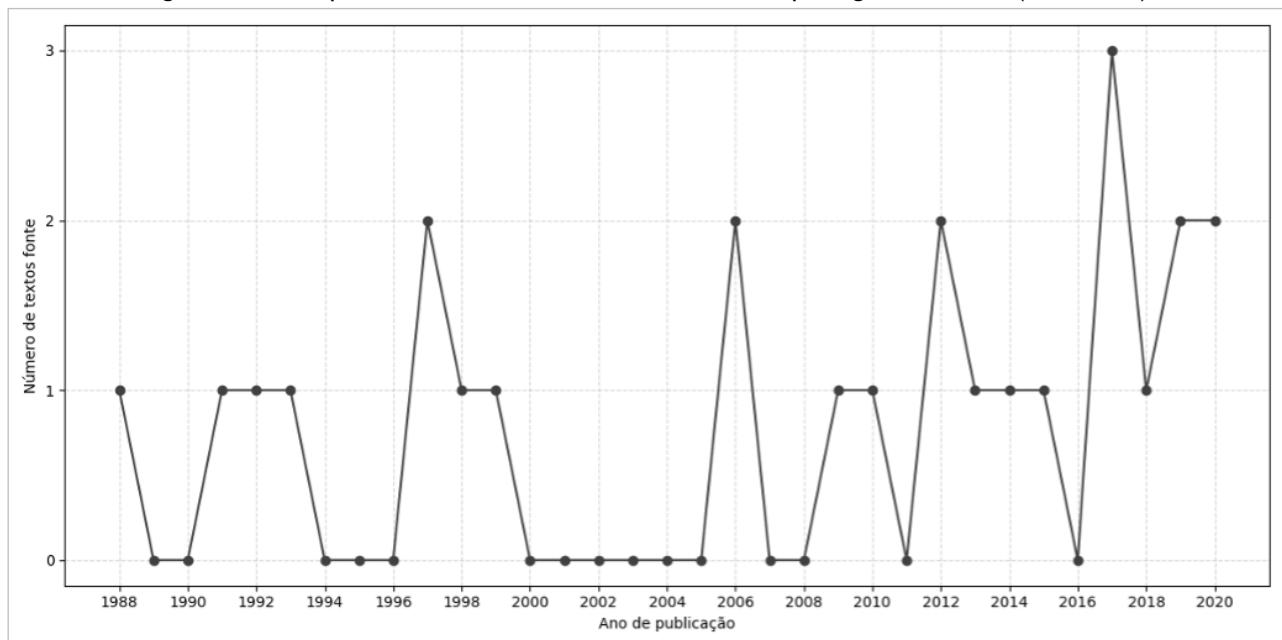
2023	<p>FRIO, Fernanda “Contexto histórico [dos Estudos Feministas da Tradução]”. In: FERNANDES, Alinne (Org.). <i>Teorias da Tradução de 1990 a 2020</i> (UFSC, Florianópolis-SC)</p>	<p>FLOTOW, Luise von “Taking Gendered Positions in Translation Theory” (capítulo 1) In: FLOTOW, Luise von. <i>Translation and gender: translating in the era of feminisms</i> (St. Jerome Publishing & U. Ottawa Press)</p>	<p>UK-CA (inglês)</p>	1997
------	---	---	-----------------------------------	------

Fonte: As autoras (2025)

4.1.2 Anos e contextos de publicação dos textos-fonte

No que tange ao período temporal a que pertencem os textos-fonte, a respeito do desenvolvimento do campo dos EFT, observa-se uma cronologia bastante regular ao longo de três décadas, incluindo alguns dos trabalhos pioneiros da década de 1980. Portanto, o interesse contemporâneo evidente no contexto meta sobre a tradução de textos dos EFT em línguas estrangeiras não se concentra exclusivamente nas obras mais recentes do campo, mas também nos textos fundacionais (vide Figura 2).

Figura 2: Ano de publicação dos textos-fonte traduzidos ao português brasileiro (1988-2020)



Fonte: As autoras (2025)

Dito isso, o termo “interesse” pode resultar insuficientemente preciso, dado que a tradução de um determinado texto não depende unicamente do grau de atenção acadêmica que este suscita, senão também a fatores editoriais, como a existência de direitos de tradução aplicáveis a determinados textos publicados em editoriais e revistas acadêmicas estrangeiras, sobretudo quando pertencem a grupos editoriais privados, protegidos mediante *paywalls* (cujo acesso é pago). Isto contrasta significativamente com os sistemas abertos predominantes nas revistas acadêmicas brasileiras editadas pelas universidades públicas, assim como em outros sistemas dos contextos de partida que mencionaremos a seguir.



Não resulta surpreendente, portanto, que em 20 dos 25 textos traduzidos, a gestão dos direitos figure, *a priori*, relativamente simples e acessível. A imensa maioria dos textos (16) foi publicada originariamente noutras línguas em revistas acadêmicas igualmente vinculadas a universidades públicas e/ou com licença CC (*Creative Commons*), procedentes do Canadá (*TTR*, 1991, 1993 e 2014; *Initial(e)s*, 1999), da Espanha (*Revista Galega de Filoloxía*, 2006; *MonTI*, 2009; *Quaderns*, 2012; *Asparkia. Investigació Feminista*, 2019), da França (*Palimpsestes*, 1992; *TRANS*, 2018), da Colômbia (*Mutatis Mutandis*, 2020), de Trinidad e Tobago (*Caribbean Review of Gender Studies*, 2020), da Suíça (*Journal of Specialised Translation*, 2006), da Romênia (*Atelier de Traduction*, 2015) e da Itália (*La Camera Blu – Rivista di Studi di Genere*, 2017). Isto inclui também a tradução ao português brasileiro do já mencionado primeiro texto dos EFT publicado, em inglês, numa revista brasileira (*Ilha do Desterro*, 1992).

Ainda sobre os arranjos editoriais, também se identificam outros 4 casos em que a gestão dos direitos parece acessível: quando se traduzem capítulos de livros editados nos quais os direitos de tradução pertencem diretamente à autoria do texto, como no caso dos livros editados por ECOS – Tradutores e Intérpretes por la Solidaridad (2010) e Comares (2017)¹¹, assim como nos casos de tradução ao português de textos proferidos em conferências: um em congresso na Suíça (2012) e outro na Argentina (2013), os quais não estavam disponíveis ‘como tal’ em nenhuma outra publicação. Assim, levantamos a hipótese de que esta seria, de fato, uma boa tática para evitar possíveis empecilhos (eminente mente de caráter econômico) quanto à reclamação editorial dos direitos de tradução.

Este poderia ser o caso dos três periódicos anglo-saxões cujos artigos estão disponíveis unicamente mediante subscrição ou pagamento individual que, presumivelmente, requerem também o pagamento de direitos de tradução: *Signs: Journal of Women in Culture and Society* (1988), *The Translator* (1997) e *philoSOPHIA: A Journal of transContinental Feminism* (2019); do primeiro capítulo de um volume co-publicado por uma editora comercial e uma universitária, também do âmbito anglo-saxão: St Jerome e Ottawa UP (1997); e de um capítulo de livro da editora Routledge (2017), na qual existe evidência da negociação do custoso processo para obter os direitos de tradução¹².

Acerca das disciplinas das revistas e livros onde figuram os textos-fonte, observamos um padrão similar ao do contexto meta, sendo a grande maioria publicações no âmbito dos Estudos da Tradução, Estudos Linguísticos e Literários e apenas cinco revistas dedicadas aos Estudos de Gênero e Feminismo, a saber, *Signs*, *Asparkia*, *La Camera Blu*, *Caribbean Review of Gender Studies* e *philoSOPHIA*. Não é casual que as autoras do campo dos Estudos da Tradução, Olga Castro, Susan Bassnett, María Laura Spoturno, Françoise Massadier-Kenney e Luise von Flotow, sejam publicadas em periódicos desse campo, ao passo que as referências feministas para as ciências sociais e humanas em geral, Patricia Hill Collins e Judith Butler, sejam publicadas em periódicos de outras áreas.

Para além dessa visão geral, observar especificidades dos três grupos de publicações acima apresentados nos proporciona uma compreensão mais aprofundada sobre os matizes nas dinâmicas

¹¹ Na tradução pode-se ler: “Agradecemos ao autor Christopher Larkosh (1964-2020) [*In memoriam*] por ceder os direitos de tradução” (Larkosh, 2024, p. 37), sem fazer menção à editora.

¹² Na tradução pode-se ler: “Permissão de tradução adquiridos pelos tradutores da Routledge/Taylor and Francis Group LLC Books. [...] Agradecemos à professora Patrícia Collins e à editora Olga Castro pela gentileza e presteza demonstrada na negociação dos direitos autorais da presente tradução brasileira, e também ao professor Marcos Bagno pelo auxílio na solução de alguns questionamentos” (Collins, 2019, p. 25).

de circulação dos textos. Em primeiro lugar, o número especial de 2022 da *Cadernos de Tradução* (UFRGS), “Tradutoras: a produção do conhecimento feminino” (grupo 1), centra-se em textos correspondentes aos primeiros anos do campo dos EFT (sobretudo entre 1993 e 2006), ainda que inclua também três publicações de 2013 a 2015, todas elas em periódicos de acesso livre.

Por sua vez, o livro editado de 2024 sobre tradução LGBT (grupo 2) reúne artigos de 2010 em diante (com exceção de um texto de 2006) – quando a temática queer despontou na academia – provenientes tanto de periódicos de acesso aberto como de dois livros editados, em que os direitos de tradução recaíam sobre a autoria. Finalmente, o conjunto restante das traduções (grupo 3) revela claramente duas tendências cronológicas: a metade corresponde a publicações entre 1988 e 1997, enquanto a outra metade situa-se entre 2009 e 2020. É nesse grupo onde se observa a negociação dos direitos de tradução, implícita ou explicitamente. Tal cronologia também corrobora a constatação do estancamento pelo qual passaram as elaborações dos EFT na primeira década dos anos 2000, tendo visivelmente ressurgido em meados de 2010 em diferentes contextos linguísticos e geopolíticos a partir de diferentes tensionamentos e ampliação de perspectivas feministas na academia (Castro & Spoturno, 2022).

4.1.3 Autorias traduzidas

O total de autorias traduzidas nos 25 textos-fonte é de 22, dado em que se incluem textos em coautoria e, em certos casos, mais de um texto da mesma autoria. A autora mais traduzida é a canadense Luise von Flotow (4 textos), seguida da também tradutóloga galega – radicada no Reino Unido até 2023 – Olga Castro (3 textos, sendo um deles em coautoria com a investigadora argentina María Laura Spoturno) e da socióloga estadunidense Patricia Hill Collins (2 textos). As demais autorias estão representadas com um só texto por pessoa. A maioria apresenta filiação nos ET, com exceção de Collins (Sociologia), de Judith Butler (Teoria Crítica e Literatura Comparada) e de Lori Chamberlain (Estudos Literários). Convém mencionar que Chamberlain, embora bem conhecida no contexto meta pelo texto precursor para os Estudos de Gênero e/em Tradução, “Gender and the Metaphorics of Translation” – sendo a sua tradução a mais antiga do *corpus* –, não tem uma produção científica dedicada a essa temática propriamente, mas à literatura e às questões de gênero.

A análise detalhada dos padrões nos 3 grupos de publicações novamente revela múltiplas dimensões de relevância crítica. No grupo 1, convergem autorias com filiações em universidades canadenses e britânicas (Delisle, Flotow, De Marco) e autorias de pouca inserção nos Feminist Translation Studies (FTS) ocidentais (a argentina Cagnolati, a indiana Bannerjee e as franco-canadenses Wilhelm e Malena & Tarif), se considerarmos a falta de referências às suas obras. O grupo 2 igualmente reúne nomes habituais dos Queer Translation Studies (QTS) no Ocidente (Larkosh, Fontanella, Villanueva-Jordán) com outros de menor inserção na temática (Baxter, Castro & rgb, Robert-Foley, Barros & Oliveira), embora no contexto meta autorias como rgb, Barros e Oliveira sejam evidentes na atuação da tradução ativista e nas questões queer, sendo estas duas últimas integrantes do pioneiro grupo de pesquisa Traduzindo no Atlântico Negro (UFBA), coordenado por Denise Carrascosa. No grupo 3, ao contrário, destaca-se a presença predominante de autorias canonizadas, associadas a universidades anglo-saxônicas, tanto no marco dos EFT (Flotow, Castro,

Chamberlain, Massardier-Kenney) – com exceção notável da argentina Spoturno –, quanto no âmbito geral dos ET (Bassnett) e dos Estudos Feministas (Collins e Butler).

Sobre a consolidação de determinadas autorias nos campos dos FTS e dos QTS, reiteramos que o uso de Ocidente neste texto não figura propriamente como uma definição geográfica, mas em seu sentido político, como uma representação que evoca a construção histórica da sociedade moderna capitalista e suas características neoliberais na atualidade, cuja língua de inteligibilidade científica é o inglês, como discutido na seção 2. Entretanto, indo além da formulação de Descarries (2014) acerca da hegemonia do inglês nos Estudos Feministas e, como discutimos, nos ET e EFT, convém complexificar a sentença da autora, “publique em língua inglesa ou pereça” (Descarries, 2014, p. 564; “publish in English or perish” no original em inglês), pois não basta escrever e publicar em língua inglesa, é necessário também que se publique em aparatos editoriais hegemônicos e alcançar políticas de citabilidade para galgar espaço nos estudos que se consagram e se canonizam nas diferentes áreas do conhecimento. Nesse sentido, o expressivo *corpus* apresentado e o profícuo trabalho de tradução em EFT no Brasil evidencia a hegemonia do conhecimento euro-norte-americano na produção científica brasileira. Lógica que retroalimenta as políticas de citabilidade e a cristalização do cânone ocidental, reafirmado pelas próprias traduções brasileiras.

4.1.4 Redes de organizadores de trabalhos e tradutores

A análise do *corpus* demonstra que a prática tradutória dos textos dos EFT não se constrói de maneira aleatória, mas está estreitamente vinculada a trajetórias acadêmicas e/ou a dinâmicas institucionais específicas. No caso do grupo 1, todo o número temático envolve estudantes e docentes com filiação institucional no Instituto de Letras da UFRGS. Apesar de identificarmos o objetivo de dar destaque à produção do conhecimento produzido por mulheres por meio da perspectiva feminista de tradução (Reuillard & Loguercio, 2022), não ficam evidentes as circunstâncias de produção do número na sua apresentação. Hipotetizamos se tratar de um trabalho de rede realizado internamente na UFRGS, envolvendo estudantes de graduação e pós-graduação, orientado por Patricia Reuillard e Sandra Loguercio, ambas, respectivamente, coordenadora e membra do Núcleo de Estudos da Tradução Olga Fedossejeva na UFRGS – instituição responsável pelo periódico onde se publica o número.

O grupo 2 reúne tradutores e pesquisadores de diferentes campos de investigação nos ET. Seus organizadores, Silva-Reis & Flores, são também pesquisadores desse campo e professores de instituições públicas de ensino superior no Brasil. No campo dos Estudos de Gênero e Tradução, Silva-Reis, juntamente com Luciana de Mesquita Silva e Cibele de Guadalupe Sousa Araújo, organizou o dossiê “Tradução e Feminismos Negros” (Ártemis, 2019) e, juntamente com Jânderson Coswosk, o dossiê “Inqueerir a tradução: sexualidades, línguas e textos” (Ártemis, 2025).

No último grupo, evidencia-se maior incidência de estudantes de pós-graduação e de docentes com interesse direto nos EFT, o que permite interpretar as práticas de tradução como uma estratégia de legitimação da área: ao traduzir textos fundacionais e/ou representativos, contribuem tanto para consolidação dos EFT no Brasil como para situar a sua própria investigação num marco historiográfico mais amplo, além de oficializar traduções para citações diretas em seus trabalhos acadêmicos. O mesmo pode ser dito do trabalho engajado das pessoas acadêmicas que

organizam dossiês e números temáticos (as revistas *Ártemis* e *Cadernos de Tradução da UFRGS*) e antologias coletivas (a edição da *Devires*).

Um fator a ser destacado sobre os 3 grupos é o fato de muitas traduções (10) serem trabalhos colaborativos entre mais de uma pessoa ou até em grupos. Em alguns casos, a autoria da tradução se repete e se associa mais diretamente à autoria do texto-fonte, é o caso de *rgb* e *Castro*. No grupo 2, vemos um exemplo mais explícito do trabalho colaborativo entre autoria e tradução (*Castro & rgb*, 2024), onde se concebe como tradução uma reescrita ampliada e atualizada de um artigo mais antigo de *Castro*, ao qual se incorpora, de maneira expressa, a voz da pessoa tradutora (*rgb*), que passa a figurar também como coautoria do texto. Assim, vê-se um exemplo em que a tradução não apenas pode dar sobrevida ao texto-fonte como também resultar na revisão, ampliação e atualização do texto-fonte, reafirmando novas possibilidades do trabalho colaborativo e de aproximação do contexto meta com o contexto de partida. Outro elemento significativo desse grupo é a presença de uma autotradução assinada por suas acadêmicas brasileiras (Barros & Oliveira, 2020), que verteram ao português um artigo previamente publicado em inglês numa revista especializada em Gênero da University of the West Indies. O trabalho colaborativo de Barros e Oliveira também se estende à plataforma de experimentação em tradução, “cocoruto art-duo”¹³.

Outro elemento excepcional encontra-se no grupo 3, onde identificamos uma única tradução assinada por uma autoria que não provém do campo dos ET: a escritora, jornalista e professora Bianca Santana, figura reconhecida no âmbito intelectual e do ativismo negro brasileiro, que traduziu o primeiro texto de Patricia Hill Collins ao português para uma revista do Jornalismo. Cabe notar, porém, que essa tradução não figura no site profissional de Santana, o que chama atenção, dada a sua visibilidade pública e o peso simbólico do texto em questão¹⁴. Isto nos leva a refletir sobre o caráter secundário dado à tradução em âmbitos como o jornalismo e no ativismo feminista. Também convém mencionar o fato de este texto não refletir propriamente sobre questões de tradução. Embora inserido em nosso *corpus*, pois afinal contempla os descritores metodológicos de seleção, sua reflexão sobre tradução aparece de modo tangencial e no sentido metafórico da tradução.

Acerca da remuneração do trabalho de tradução realizado por essa rede de organizadoras e tradutorias, tudo aponta que se trata, em grande medida, de traduções não remuneradas – já que o orçamento das universidades brasileiras pouco dispõe de recursos para traduções. Ou seja, são traduções realizadas como parte de um trabalho acadêmico mais amplo, semelhante ao que ocorre com os trabalhos de edição: agrega-se mérito acadêmico, mas sem compensação econômica direta. No entanto, apesar da ausência de remuneração econômica, poderíamos dizer que há uma contrapartida acadêmica, já que as pessoas tradutoras também figuram como autoras daquela publicação no contexto meta, de acordo com os parâmetros acadêmicos brasileiros. Por outro lado, confirma-se a lógica de importação de teorias, especialmente quando não se evidencia um movimento de tradução de textos de acadêmicas brasileiras às línguas majoritárias das quais se traduz ao português brasileiro (vide tópico a seguir). Isso nos permite verificar a expressa divisão internacional do trabalho e a posição marginalizada do Brasil em relação aos centros hegemônicos do conhecimento, o que inclui a precarização do trabalho não remunerado de traduções.

¹³ Para mais informação, vide <https://www.cocorutoartduo.com/>.

¹⁴ Vide <https://biancasantana.info/>.



4.1.5 Idiomas e geocontextos dos textos-fonte

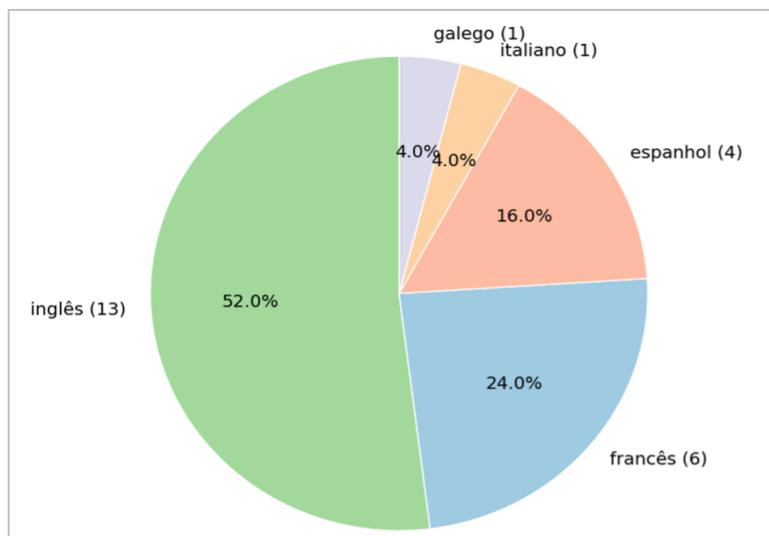
Quanto às línguas de partida, traduz-se a partir de cinco idiomas (vide Figura 3). Pouco mais da metade dos textos acadêmicos (13) têm o inglês como língua de partida, número relativamente modesto considerando sua posição hegemônica na produção acadêmica internacional. Esses textos originam-se de países diversos, como Suíça, Espanha, Brasil, Trinidad e Tobago, Canadá, Reino Unido e Estados Unidos, evidenciando seu papel de língua veicular global, publicada inclusive fora do espaço anglófono. O francês ocupa o segundo lugar (6 textos), proveniente do Canadá (3), França (2) e Romênia (1). O espanhol aparece em terceiro (4), com publicações na Espanha, Argentina e Colômbia. Por fim, italiano e galego figuram com um texto cada. As

línguas, no entanto, não correspondem necessariamente aos diferentes geocontextos (ou contexto geográfico editorial) dos textos-fonte (vide Figura 4).

Essa paridade, contudo, não se observava antes de 2022: excluindo-se as traduções dos grupos 1 e 2, o inglês corresponde a 81,8% dos casos (9 das 11 traduções). Assim, na ausência de projetos editoriais que orientem as escolhas de tradução, a hegemonia do inglês se impõe de forma dominante. A recente alteração desse panorama deve-se justamente a dois projetos editoriais: dos 6 textos traduzidos do francês, 5 foram publicados no número especial de 2022 e 1 no volume de 2024; das 4 traduções do espanhol, 2 estão vinculadas a essas iniciativas. Ademais, o volume de 2024 permitiu a inclusão de línguas de partida até então ausentes, como italiano e galego.

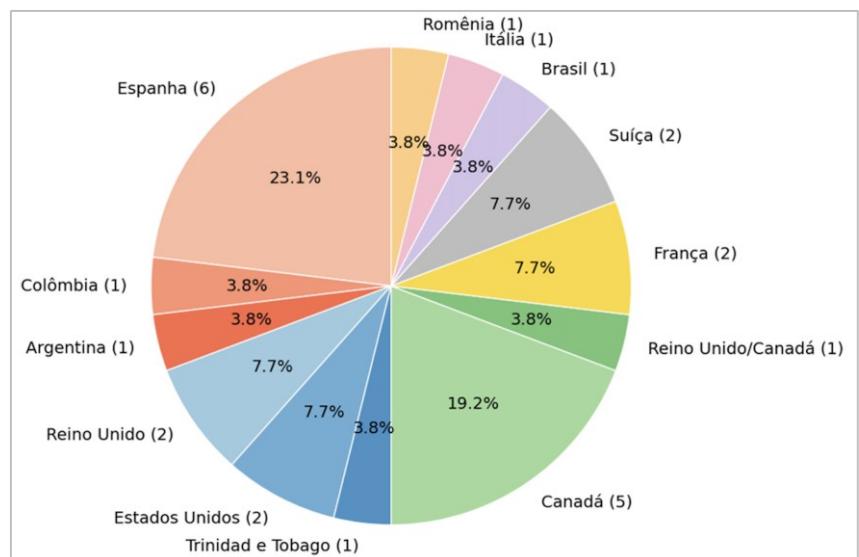
Em síntese, pode-se afirmar que nossa análise sobre as línguas de tradução corrobora as tendências previamente identificadas no estudo bibliométrico sobre

Figura 3: Idiomas dos textos-fonte



Fonte: As autoras (2025)

Figura 4: Geocontextos editoriais



Fonte: As autoras (2025)

teoria da tradução traduzida no Brasil em periódicos on-line (Pfau et al., 2025): as línguas mais frequentes são inglês, francês e espanhol. Convém, entretanto, introduzir algumas ressalvas: essas tendências podem ser rapidamente alteradas com a inclusão de volumes coletivos (não presentes na análise de Pfau et al., 2025) ou números monográficos organizados por grupos de pesquisa especializados em combinações linguísticas específicas. Ademais, é fundamental complementar a análise da língua de partida com o geocontexto da publicação, pois este pode evidenciar a imposição de dinâmicas hegemônicas na difusão dos textos ou desvelar produções de contextos não hegemônicos veiculadas em línguas hegemônicas, como é o caso das produções latino-americanas e caribenha: Colômbia, Argentina e Trinidad e Tobago.

4.2 Dos limites, das possibilidades e das implicações

Nosso estudo evidencia um aumento significativo nos últimos anos, em termos quantitativos, de textos sobre EFT traduzidos no Brasil¹⁵. A partir das variáveis analíticas do *corpus* apresentado, especialmente em relação aos contextos majoritariamente euro-norte-americanos e suas línguas, bem como as questões editoriais, podemos tecer as seguintes considerações interconectadas entre si: 1) há uma tendência brasileira em validar como teoria aquilo que é produzido no contexto euro-norte-americano, e isso se relaciona com o modelo de dominação pautado na mentalidade colonial; 2) como resultado do primeiro, observa-se uma lógica de citabilidade centrada nas produções dos grandes centros hegemônicos de produção do conhecimento para autorizar a produção local. São as tendências de disseminação da produção hegemônica que geram as demandas de tradução; 3) as traduções, por sua vez, reafirmam uma divisão internacional do trabalho, na qual pessoas tradutoras de contextos não hegemônicos trabalham para circulação da produção do conhecimento gerado nos centros de poder hegemônico; 4) as editoras das universidades brasileiras e seus periódicos ocupam um papel fundamental na circulação dos EFT traduzidos ao português brasileiro. A especificidade do contexto brasileiro nos permitiu evidenciar o padrão global de poder que se estabelece na academia na era da globalização neoliberal, com mecanismos reguladores de instituições internacionais – via mercado editorial e seus indexadores, políticas de citabilidade, etc. – e que pode obliterar paradigmas comprometidos com práticas localizadas e especificidades históricas de cada contexto.

O debate que ancorou as discussões iniciais sobre tradução e gênero no contexto canadense adivinha do desenvolvimento paralelo tanto da teoria feminista quanto dos ET na década de 1970, como explica Bassnett ([1992]2020). O desenvolvimento paralelo da teoria feminista e dos ET e sua confluência na desestabilização de velhos conceitos binários reitera a tendência pós-estruturalista e desconstrucionista de ambas as áreas do conhecimento, que incidiram nas formulações de gênero e tradução do contexto francófono do Quebec. Assim, a metodologia da tradução feminista refutava

¹⁵ No decorrer de 2025, já foram publicados dois números especiais nos quais os textos de EFT traduzidos para o português ocupam potencialmente um espaço significativo: o dossier “Traduzir a teoria da tradução” do periódico *Belas Infiéis*, 14(2) (organizado por Monique Pfau e Márcia Moura da Silva) e o já mencionado “Dossiê: Inqueerir a tradução: sexualidades, línguas e textos” da revista *Ártemis*, 39(1) (organizado por Dennys Silva-Reis e Jânderson Coswosk). No entanto, coexistindo com essa tendência, está a publicação de antologias sobre tradução e gênero/feminismos nas quais se prioriza o conhecimento local produzido por autóries do Brasil, como é o caso do volume *Tradução e Estudos de Gênero* (Caribé & Rocha, 2022).

a linguagem convencional misógina e forjava novas possibilidades discursivas através do uso de estratégias (Flotow, [1991]2021; Castro & rgb, 2024 [Castro, 2010]), mediante tendências teóricas desconstrucionistas, com ênfase no discurso e na diferença cultural.

Isso se tornou base para os EFT no Ocidente, estabelecendo-se referenciais canônicos para a área. No Brasil, evidencia-se certa tendência na reprodução de paradigmas hegemônicos euro-norte-americanos e suas abordagens desconstrucionistas, sobretudo na década de 1990, com ênfase na diferença cultural, tanto nos ET quanto nos EFT. Um exemplo presente no *corpus* pode ser evidenciado no livro *Tradução: a prática da diferença* (1998), organizado por Paulo Ottoni e publicada pela Editora da Unicamp, onde veicula a tradução de Norma Viscardi do texto “Gender and the metaphorics of translation” de Chamberlain (vide quadro 3). Na quarta capa do livro, pode-se ler: “Esta coletânea reúne sete textos sobre tradução de diferentes tendências – a psicanálise, a filosofia e a questão do gênero –, tratadas a partir do pensamento da desestruturação” (Ottoni, 1998).

Coletâneas de textos traduzidos têm forjado modelos teóricos basilares para a produção do conhecimento dos ET no Brasil. Os textos, via de regra, partem do contexto euro-norte-americano e de línguas hegemônicas, a exemplo da Coleção “Clássicos da Teoria da Tradução”, organizada pelo Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução na Pós-Graduação em ET (PGET-UFSC). Também, no nosso *corpus*, podemos identificar mais dois exemplos de coletâneas onde circulam textos traduzidos dos EFT: o volume de textos teóricos da tradução de 1990 a 2019 traduzidos ao português, *Teorias da Tradução*, organizado por Alinne Fernandes e publicado pela Editora da UFSC em 2023, onde figura a tradução (vide quadro 3) do primeiro capítulo do livro de Luise von Flotow, *Translation and Gender: Translating in the Era of Feminisms* (1997); e da coletânea *Estudos da Tradução e Comunidade LGBT: sobre vozes entendidas e transformistas textuais* (Silva-Reis & Flores, 2024), onde encontram-se os textos do grupo 2 (vide Quadro 2). Acerca desta última, ressaltamos o fato de a maioria dos textos que a compõem serem originalmente do contexto brasileiro. Ou seja, aquilo que se pretende referência teórica sobre Estudos Queer da Tradução no Brasil não apenas vem de fora, como também coaduna com elaborações próprias.

Ainda desestabilizando a centralidade dos textos canônicos dos EFT, temos, no grupo 1, autorias consagradas mescladas a outras de menor impacto no contexto ocidental. Isso nos leva a concluir que projetos editoriais temáticos colaboram para maiores possibilidades de representação localizada e de novos arranjos intertextuais, a exemplo do número temático “Estudos Feministas da Tradução no Brasil”, da *Revista Estudos Feministas*, 33(3), organizado por Naylane Araújo Matos e Andréia Guerini (2025), em que todos os textos são elaborações próprias do contexto brasileiro. Estes textos, entretanto, apresentam relação intertextual direta com muitos dos textos do contexto euro-norte-americano, via traduções presentes no nosso *corpus*.

Essa relação nos permite observar a estreita articulação dos fluxos tradutórios dos EFT no Brasil como possibilidade de enriquecimento da produção situada. Se, por um lado, constatamos a hegemonia do cânone dos EFT ocidentais via tradução, logo, de como as traduções têm implicações políticas na consolidação de cânones, por outro, percebemos que as traduções chancelam a legitimação da área no Brasil e estimula novas produções.

Uma implicação política consiste na descontextualização de metodologias de determinados contextos quando simplesmente transpostas ao contexto meta. Por exemplo, quando se concebe a metodologia de tradução feminista canadense como referência orientadora para práticas de

tradução feminista no Brasil, pode-se incorrer no erro de hegemonizar as demandas feministas localizadas, bem como desistoricizar as práticas situadas no enfrentamento ao patriarcado, principal demanda da tradução feminista. Ou, ainda, reproduzir tendências epistemológicas temporalmente marcadas, corroborando para uma defasagem das discussões. Isso pode ocorrer especialmente com as citações de traduções com saliente distância temporal em relação do texto-fonte, como os textos da década de 1990 traduzidos somente nesta década: Flotow (1991) traduzida em 2021, Bassnett (1992) em 2020 ou Massardier-Kenney (1997) em 2022.

Frente ao limite da defasagem temporal, uma das possibilidades é situar historicamente o texto-fonte, podendo também indicar textualmente a sua data de publicação original, por exemplo: Flotow ([1991]2021), ou com nota de rodapé. Outra possibilidade ainda mais inovadora é a realização de uma tradução com atualização textual e aprimoramento do conteúdo elaborado anteriormente para que faça sentido no contexto meta. Essa possibilidade também permite uma voz mais ativa de quem traduz, que passa a figurar como coautoria do texto, reiterando os princípios feministas de tradução na desestabilização de hierarquias e oposições binárias. Um exemplo presente no *corpus* é o texto em coautoria de Castro & rgb (2024).

No que tange à divisão internacional do trabalho que se evidencia nos EFT, notamos o caráter receptivo da produção brasileira às elaborações euro-norte-americanas, evidenciados nos fluxos tradutórios – marcados sobretudo pela disponibilidade dos textos-fonte em acesso aberto, direitos de tradução acessíveis e/ou por textos esboçados como preparação de palestras antes da publicação em papel. Nossa *corpus* demonstra o lugar de reprodução teórica do Brasil em relação às referências ocidentais – mas não só, já que também foram identificadas traduções de textos de pouca inserção nos EFT ocidentais. As implicações políticas desse fator podem resultar nas (des)articulações teóricas com as bases históricas dos próprios feminismos brasileiros e suas especificidades. Nesse sentido, as políticas emancipatórias do feminismo correm o risco de ser minadas por teorias e paradigmas reiterados pelas academias euro-norte-americanas, e as demandas concretas por uma práxis feminista de tradução diluídas e separadas entre teoria – elaborada pelos centros – e práticas – reproduzidas por países periféricos como o Brasil.

5. Considerações finais

Nosso artigo pretendeu apontar limites, possibilidades e implicações políticas dos fluxos tradutórios dos EFT no Brasil. A discussão de tais tópicos, sustentada pelo nosso *corpus* de 25 traduções, permitiu lançar lentes de aumento sobre tais fluxos e seu entrecruzamento com as relações de poder envolvidas na produção transnacional do conhecimento, nas quais se evidencia a hegemonia sobretudo da língua inglesa e dos paradigmas euro-norte-americanos.

Nos fluxos dos EFT, especificamente no que tange à produção situada no Brasil em diálogo com outros contextos, pudemos observar a demarcação de lugar periférico que a produção científica brasileira ocupa no cenário ocidental transnacional dos Estudos Feministas da Tradução, haja vista a quantidade significativa de traduções no período de 1998 a 2024. São mais evidentes os fluxos de produções do contexto euro-norte-americano e pouco se observam fluxos Sul-Sul. Assim, vemos emergir contradições inerentes aos fluxos tradutórios que, se por um lado permitem avançar

com as discussões na área, por outro, permitem a cristalização de determinados discursos hegemônicos em detrimento das elaborações localizadas.

Nossas considerações finais caminham, portanto, no sentido de reafirmar possibilidades da emancipação feminista via tradução, na qual a epistemologia feminista que veicula o campo dos EFT não pode ser compreendida como externa e autônoma à ação feminista. Logo, não podemos conceber o campo do conhecimento apartado da prática de tradução feminista localizada. De igual maneira, não se pode conceber a tradução feminista deslocada da atuação feminista real, histórica, social e politicamente engajada, que reivindica direitos a partir das condições reais da existência de sujeitas, sujeites e sujeitos, com as especificidades de cada contexto frente ao sistema patriarcal capitalista branco cis heteronormativo.

Referências

- Achebe, Chinua. (1975). *Morning Yet on Creation Day*. Heinemann.
- Alencar, Maria Eduarda. (2016). *Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Santa Catarina. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/167946>
- Alvarez, Sonia, Costa, Claudia de Lima, Feliu, Verónica, Hester, Rebecca, Klahn, Norma, & Thayer, Millie (Eds.). (2014). *Translocalities/Translocalidades: Feminist Politics of Translation in the Latin/a Américas*. Duke University Press.
- Ancalao, Liliana. (2013). El idioma silenciado. In Karina Bidaseca & Vanessa Vazquez Laba (Orgs.), *Feminismos y poscolonialidad: descolonizando el feminismo desde y en América Latina* (pp. 121–126). Godot.
- Baer, Brian James. (2020). On Origins: The Mythistory of Translation Studies and the Geopolitics of Knowledge. *The Translator*, 26(3), 221–240. <https://doi.org/10.1080/13556509.2020.1843755>
- Bannerjee, Rohini. (2022). A tradução feminista (Gabrielli Aimi, Trad.). *Cadernos de Tradução (UFRGS)*, (47), 77–84.
- Barboza, Breno Guimarães. (2025). Estudos Feministas da Tradução e/m Queer~cu-ir. *Revista Estudos Feministas*, 33(3), 1–14. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2025v33n3106679>
- Barros, Bruna, & Oliveira, Jess. (2024). Práticas de tradução preta sapatão: escrevendo cura, uma palavra de cada vez. In Dennys Silva-Reis & Vinicius Martins Flores (Orgs.), *Estudos da Tradução e comunidade LGBT: sobre vozes entendidas e transformistas textuais* (pp. 145–152). Devires.
- Bassnett, Susan. (1992). Writing In No Man's Land: Questions of Gender and Translation. *Ilha do Desterro*, (28), 63–73.
- Bassnett, Susan. (2020). Escrevendo em terra de homem nenhum: questões de gênero e tradução (Naylane Araújo Matos, Trad.). *Cadernos de Tradução*, 40(1), 456–471. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40n1p456>
- Baxter, Robert Neal. (2024). Falocentrismo e heteronormatividade na tradução: como as mulheres, sobretudo lésbicas, são riscadas da história com uma canetada (Thiago Z. Passerini, Trad.), In Dennys Silva-Reis & Vinicius Martins Flores (Orgs.), *Estudos da Tradução e comunidade LGBT: sobre vozes entendidas e transformistas textuais* (pp. 283–301). Devires.

- Bermúdez, Silvia, Cortijo Ocaña, Antonio & McGovern, Timothy (Eds.). (2002). *From Stateless Nations to Postnational Spain*. Society of Spanish and Spanish-American Studies.
- Bhopal, Kalwant & Myers, Martin. (2023). *Elite Universities and the Making of Privilege: Exploring Race and Class in Global Educational Economies*. Routledge.
- Brasil. (2018). As mensageiras: primeiras escritoras do Brasil. Câmara dos Deputados. https://issuu.com/centroculturalcamaradosdeputados/docs/as_mensageiras_web_issuu
- Butler, Judith. (2021). Gênero em tradução: além do monolinguismo (Fernanda Miguens & Carla Rodrigues, Trad.). *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, 39(2), 364–387. <https://doi.org/10.11606/issn.1517-0128.v39i2p364-387>
- Cagnolati, Beatriz. (2022). Estudos de tradução: explorando uma perspectiva feminista da tradução (Alexia G. Pokorski, Ana L. P. Campos, Cláudia X. Faria, Iago M. Barragan & Stéphanie O. Ferreira, Trads.). *Cadernos de Tradução (UFRGS)*, (47), 35–45.
- Caribé, Yuri Jivago Amorim, & Rocha, Karine (Orgs.). (2022). *Tradução e Estudos de Gênero*. Lexikos.
- Castro, Olga. (2017). (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda? (Beatriz R. G. Barboza, Trad.). *TradTerm*, 29, 216–250. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v29i0p216-250>
- Castro, Olga, & Ergun, Emek. (2017). Introduction: Re-Envisioning Feminist Translation Studies: Feminisms in Translation, Translations in Feminism. In Olga Castro & Emek Ergun (Eds.), *Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives* (pp. 1–12). Routledge.
- Castro, Olga, & Matos, Naylane. (2025). Textos dos Estudos Feministas da Tradução traduzidos ao português brasileiro entre 1998 e 2024 [Data set]. In *Cadernos de Tradução* (Vol. 45, p. 1–30). Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.17924193>
- Castro, Olga, & rgb, be. (2024). Tradução feminista além dos binários: os gêneros como desafios de tradução. In Dennys Silva-Reis & Vinicius Martins Flores (Orgs.), *Estudos da Tradução e comunidade LGBT: sobre vozes entendidas e transformistas textuais* (pp. 111–144). Devires.
- Castro, Olga, & Spoturno, María Laura. (2022). Feminismos e tradução: apontamentos conceituais e metodológicos para os estudos feministas transnacionais da tradução (Maria Barbara F. Valdez & Beatriz R. G. Barboza, Trads.). *Cadernos de Tradução*, 42(1), 1–59. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2022.e81122>
- Chamberlain, Lori. (1998). Gênero e a metafórica da tradução (Norma Viscardi, Trad.). In Paulo Ottoni (Org.), *Tradução: a prática da diferença* (pp. 37–58). Unicamp.
- Coletivo Sycorax. Rosas, Cecília, Bittencourt, Juliana, Izidoro, Leila Giovana, & Macedo, Shisleni de Oliveira. (2020). Conjurando traduções: a tradução coletiva de *Caliban and the Witch* ao português brasileiro como estratégia feminista transnacional. *Mutatis Mutandis*, 13(1), 117–138. <https://doi:10.17533/udea.mut.v13n1a06>
- Costa, Claudia de Lima (2003). As publicações feministas e a política transnacional da tradução: reflexos do campo. *Revista Estudos Feministas*, 11(1), 254–264. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000100017>
- Costa, Claudia de Lima, & Alvarez, Sonia. (2013). A circulação das teorias feministas e o desafio da tradução. *Revista Estudos Feministas*, 21(2), 579–586. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000200009>

- Costa, Claudia de Lima. (2019). Feminismos traduzidos e a tradução como prática feminista: entrevista a Beatriz Regina Guimarães Barboza. In Naylane Araújo Matos, Elena Manzato & Andréia Guerini (Orgs.), *Escrituras de mulheres: literatura e tradução* (pp. 169–182). LLE/CCE/UFSC.
- Costa, Claudia de Lima. (2020). Feminismos decoloniais e a política e a ética da tradução. In Heloisa Buarque de Hollanda (Org.), *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais* (pp. 336–358). Bazar do Tempo.
- Costa, Pâmela Berton. (2020). La retraducción como acto de re-visión feminista: *La casa de los espíritus* al portugués brasileño. *Mutatis Mutandis*, 13(1), 183–205. <https://doi.org/10.17533/udea.mut.v13n1a09>
- Collins, Patricia Hill. (2017). Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória (Bianca Santana, Trad.). *Parágrafo*, 5(1), 6–17.
- Collins, Patricia Hill. (2019). Sobre tradução e ativismo intelectual (Cibele Araújo, Dennys Silva-Reis & Luciana Silva, Trads.). *Revista Ártemis*, 27(1), 25–32.
- Daghighe, Ali Jalalian, & Shuttleworth, Mark (Eds.). (2024). *Translation and Neoliberalism*. Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-031-73830-2>
- De Marco, Marcella. (2022). Tradução audiovisual sob uma perspectiva de gênero (Beatriz Cerveira, Trad.). *Cadernos de Tradução (UFRGS)*, (47), 108–131.
- Descarries, Francine. (2014). Language is not Neutral: The Construction of Knowledge in the Social Sciences and Humanities. *Signs*, 39(3), 564–569.
- Deslile, Jean. (2022). Tradutores medievais e tradutoras feministas: a mesma ética da tradução? (Cristian Macedo & Ana Braun, Trads.). *Cadernos de Tradução (UFRGS)*, (47), 85–107.
- Duarte, Constância Lima. (2005). *Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Mulheres.
- Fassa, Farinaz, Lépinard, Éléonore, & Roca i Escoda, Marta (Dir.). (2016). *L'interseccionalité : enjeux théoriques et politiques*. Dispute.
- Federici, Eleonora, & Leonardi, Vanessa. (2013). Introduction. In Eleonora Federici & Vanessa Leonardi (Eds.), *Bridging the Gap between Theory and Practice in Translation and Gender Studies* (pp. 1–3). Cambridge Scholars Publishing.
- Fernandes, Alinne (Org.). (2023). *Teorias da Tradução de 1990 a 2020*. Editora da UFSC.
- Flotow, Luise von. (1991). Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories. *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*, 4(2), 69–84. <https://doi.org/10.7202/037094ar>
- Flotow, Luise von. (1995). Beginnings of a European Project: Feminisms and Translation Studies. *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*, 8(1), 271–277. <https://doi.org/10.7202/037205ar>
- Flotow, Luise von. (2006). Feminism in Translation: The Canadian Factor. *Quaderns. Revista de Traducció*, (13), 11–20.
- Flotow, Luise von. (2013). Traduzindo Mulheres: de histórias e re-traduções recentes à tradução «Queerizante» e outros novos desenvolvimentos significativos (tatiana santos, Trad.). In Rosvitha F. Blume & Patrícia Peterle (Orgs.). *Tradução e relações de poder* (pp. 169–192). Ed. Copiart.
- Flotow, Luise von. (2021). Tradução feminista: contextos, práticas e teorias (Ofir de Aguiar & Lilian Porto, Trads.). *Cadernos de Tradução*, 41(2), 492–511. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2021.e75949>

- Flotow, Luise von (2022). O feminismo na Tradução (Gilmar J. Taufer, Trad.). *Cadernos de Tradução (UFRGS)*, (47), 62–76.
- Flotow, Luise von. (2023). Contexto histórico [dos Estudos Feministas da Tradução] (Fernanda Frio, Trad.). In Alinne Fernandes (Org.). *Teorias da Tradução de 1990 a 2020*. Editora da UFSC.
- Fontanella, Laura. (2024). A tradução feminista entre diferencialismo e queer: teorias e práticas de ontem e de hoje (Marcos Bagno, Trad.). In Dennys Silva-Reis & Vinicius Martins Flores (Orgs.), *Estudos da Tradução e comunidade LGBT: sobre vozes entendidas e transformistas textuais* (pp. 97–109). Devires.
- Goellner, Letícia, & Salvatierra, Belén Rodríguez. (2024). A Feminist Translation from Chile. Feminist Translation Network. <https://feministtranslation.bham.ac.uk/2024/11/a-feminist-translation-from-chile/>
- Gonzales, Lélia. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano* (Flavia Rios & Marcia Lima, Orgs.). Zahar.
- Hall, Stuart. (2018). The West and the Rest: Discourse and Power. In David Morley (Ed.), *Stuart Hall: Essential Essays* (v. 2, pp. 185–227). Duke University Press.
- Haraway, Donna. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial (Mariza Corrêa, Trad.). *Cadernos Pagu*, (5), 7–41.
- hooks, bell. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade* (Marcelo B. Cipolla, Trad.). Martins Fontes.
- Keme, Emil'. (2025). Para que Abiayala viva, as Américas devem morrer: rumo a uma indigeneidade trans-hemisférica (Vanessa S. Sagica & Marcos J. A. Pereira, Trads.). *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 12(28), 619–640. <https://doi.org/10.48074/aceno.v12i28.18780>
- Larkosh, Christopher. (2024). James S. Holmes, Estudos da Tradução e a Ética Queer da primeira pessoa (Jonathan Schauer, Mariana Oliveira, Milena Silva, Nathália Lucena & Sandro Fonseca, Trads.). In Dennys Silva-Reis & Vinicius Martins Flores (Orgs.), *Estudos da Tradução e comunidade LGBT: sobre vozes entendidas e transformistas textuais* (pp. 37–56). Devires.
- Lima, Érica, Freitas, Maria Júlia Santos de, & Souto, Letícia Bergamini. (2024). Brazilian literature in English translation: A feminist study of *Parque Industrial* (1933) and *As Meninas* (1973). *Feminist Translation Studies*, 1(1), 73–94. <https://doi.org/10.1080/29940443.2024.2395812>
- Malena, Anna, & Tarif, Julie. (2022). A tradução feminista no Canadá e as teorias pós-coloniais: uma influência recíproca? (Tainara Balt, Trad.). *Cadernos de Tradução (UFRGS)*, (47), 46–61.
- Massardier-Kenney, Françoise. (1997). Towards a Redefinition of Feminist Translation Practice. *The Translator*, 3(1), 55–69. <https://doi.org/10.1080/13556509.1997.10798988>
- Massardier-Kenney, Françoise. (2022). Caminhos para uma redefinição da prática feminista de tradução (Emanuela C. Siqueira & Marcela Lanius, Trads.). *Revista X*, 17(1), 192–212. <https://doi.org/10.5380/rvx.v17i1.84391>
- Matos, Naylane Araújo. (2022a). *Estudos Feministas da Tradução no Brasil: percursos históricos, teóricos e metodológicos na produção científica nacional (1990-2020)*. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal de Santa Catarina. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/238193>
- Matos, Naylane Araújo. (2022b). A tradução feminista de Nísia Floresta e as reivindicações pelos direitos das mulheres no Brasil. In Yuri Jivago Amorim Caribé & Karine Rocha (Orgs.). *Tradução e estudos de gênero* (pp. 147–164). Lexikos.

- Núñez, Geni. (2022). *Nhande ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas Guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude*. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal de Santa Catarina. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/241036>
- Orloff, Carolina. (Ed.). (2025). *La Lucha: Latin American Feminism Today*. Charco Press.
- Otoni, Paulo. (Org.). (1998). *Tradução: a prática da diferença*. Editora da Unicamp.
- Pallares-Burke, Maria Lúcia Garcia (2020). *Travessura Revolucionária: uma teia de erros em torno da feminista Nísia Floresta, nascida há 210 anos*. Piauí. <https://piaui.folha.uol.com.br/travessura-revolucionaria/>
- Pfau, Monique, Ferreira, Nathalia Gabriela Lopo, Pereira, Sacha Costa Primo, Costa, Fernanda da Silva Góis, Souza, Ana Clara Cerqueira Santos de, Silva, & Ariella Beatriz Gama Gomes da. (2025). Teorias de tradução traduzidas em periódicos brasileiros on-line nos últimos dez anos: um panorama. *Belas Infiéis*, 14(2), 1–25.
- Pugliesi, Nastassja. (2023). *Nísia Floresta: Elements on Women in the History of Philosophy*. Cambridge University Press.
- Reuillard, Paricia Chittoni Ramos, & Loguercio, Sandra. (2022). Apresentação: por que falar de mulheres? *Cadernos de Tradução (UFRGS)*, (47), i–iii.
- Robert-Foley, Lily. (2024). Para uma tradução queera (Marcos Bagno, Trad.). In Dennys Silva-Reis & Vinicius Martins Flores (Orgs.), *Estudos da Tradução e comunidade LGBT: sobre vozes entendidas e transformistas textuais* (pp. 57–80). Devires.
- Santaemilia, José. (2013). Gender and Translation: A New European Tradition? In Eleonora Federici & Vanessa Leonardi (Eds.), *Bridging the Gap between Theory and Practice in Translation and Gender Studies* (pp. 4–14). Cambridge Scholars Publishing.
- Setti, Nadia. (2021, Maio 24). Écriture Féminine. In *Dictionary of Gender in Translation*. https://worldgender.cnrs.fr/en/entry_category/ecriture-feminine-en/
- Silva-Reis, Dennys, & Fonseca, Luciana Carvalho. (2018). Nineteenth Century Women Translators in Brazil: From the Novel to Historiographical Narrative. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, 20(34), 23–46.
- Silva-Reis, Dennys, & Flores, Vinícius Martins (Orgs.). (2024). *Estudos da Tradução e comunidade LGBT: sobre vozes entendidas e transformistas textuais*. Devires.
- Simon, Sherry. (1996). *Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission*. Routledge.
- Souza, Jessé. (2017). *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Leya.
- Susam-Saraeva, Şebnem, Acosta Vicente, Carmen, Fonseca, Luciana Carvalho, García-Caro, Olga, Martínez-Pagán, Begoña, Montero, Flor, & Yañez, Gabriela. (2023). Roundtable: feminist interpreting (studies) – the story so far. *Translation Studies*, 16(1), 134–159. <https://doi.org/10.1080/14781700.2022.2147989>
- Villanueva-Jordán, Iván. (2024). Tradução, gênero e identidades gay (Nina Jacomini, Trad.). In Dennys Silva-Reis & Vinícius Martins Flores (Orgs.), *Estudos da Tradução e comunidade LGBT: sobre vozes entendidas e transformistas textuais* (pp. 153–186). Devires.
- Wilhelm, Jane. (2022). Antropologia das leituras feministas de tradução (Gabrielle Aimi, Trad.). *Cadernos de Tradução (UFRGS)*, (47), 1–34.
- Zambrana, Rocío, & Mann, Bonnie (2022). Introduction: Hypatia's Feminism in Translation Initiative. *Hypatia*, 37(2), 221–222. <https://doi.org/10.1017/hyp.2022.17>

Notas editoriais

Contribuição de autoria

Concepção e elaboração do manuscrito: Naylane Matos & Olga Castro

Coleta de dados: Naylane Matos & Olga Castro

Análise de dados: Olga Castro & Naylane Matos

Discussão dos resultados: Olga Castro & Naylane Matos

Escrita – revisão e aprovação: Naylane Matos & Olga Castro

Conjunto de dados de pesquisa

Esta pesquisa foi realizada durante o estágio pós-doutoral de Naylane Matos após vencer o Prêmio Capes de Tese – área de Linguística e Literatura (2023). O estágio foi desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina (Supervisão da Prof.^a Dra. Andréia Guerini) e na Universitat Autònoma de Barcelona (Supervisão da Prof.^a Dra. Olga Castro).

Financiamento

Naylane Araújo Matos recebeu financiamento da Capes no âmbito do Programa Prêmio Capes de Teses, processo n. 88887.948345/2024-00. Olga Castro recebeu apoio no âmbito do programa de “Atração de Talentos” BG23/2022, contrato de “Investigadora Distinguida Sénior Beatriz Galindo” (Universitat Autònoma de Barcelona) financiado pelo Ministerio de Ciencia, Innovación y Universidades, Gobierno de España.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Declaração de disponibilidade dos dados da pesquisa

Os dados desta pesquisa, que não estão expressos neste trabalho, poderão ser disponibilizados pelos(as) autores(as) mediante solicitação.

Licença de uso

Autoras e autores cedem à *Cadernos de Tradução* os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](#). Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista. Autoras e autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (por exemplo: publicar em repositório institucional, em website pessoal, em redes sociais acadêmicas, publicar uma tradução, ou, ainda, republicar o trabalho como um capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

Publisher

Cadernos de Tradução é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina. A revista *Cadernos de Tradução* é hospedada pelo [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores e autoras, não representando, necessariamente, a opinião da equipe editorial ou da universidade.

Edição da seção

Andréia Guerini – Willian Moura

Normalização

Alice S. Rezende – Ingrid Bignardi – João G. P. Silveira – Kamila Oliveira

Histórico

Recebido em: 30-09-2025

Aprovado em: 29-11-2025

Revisado em: 11-12-2025

Publicado em: 12-2025

